



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

A OBRA DE HEDWIG DOHM E AS ORIGENS DO FEMINISMO:
TRADUÇÃO COMENTADA DO ARTIGO *VIER KATEGORIEN DER ANTIFEMINISTEN*

Adriana Muller

Rio de Janeiro

2022

ADRIANA MULLER

A OBRA DE HEDWIG DOHM E AS ORIGENS DO FEMINISMO:
TRADUÇÃO COMENTADA DO ARTIGO *VIER KATEGORIEN DER ANTIFEMINISTEN*

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Letras na habilitação Português/Alemão.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Fabiana Naura Macchi

RIO DE JANEIRO

2022

Muller, Adriana.

A obra de Hedwig Dohm e as origens do feminismo.
Tradução comentada do artigo *Vier Kategorien der Antifeministen.*/Adriana Muller. – 2022.

71 f.

Orientadora: Fabiana Naura Macchi.

Monografia (graduação em Letras habilitação
Português – Alemão) – Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de
Letras.

Bibliografia: f. 56-61.

1. Tradução. 2. Literatura de língua alemã. 3.
Tradução Feminista. I Muller/Adriana II -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de
Letras, 2022 III . Título.

Resumo

O presente trabalho consiste na análise e tradução do texto *Vier Kategorien der Antifeministen* (*Quatro categorias de antifeministas*), primeiro capítulo da coletânea *Die Antifeministen. Ein Buch der Verteidigung* (*Os antifeministas. Um livro de defesa*), composta por cinco artigos publicados em diferentes jornais em um intervalo de cinco anos, entre o fim do século XIX e início do século XX. Os artigos foram escritos pela autora feminista alemã Hedwig Dohm.

O motivo para a seleção do texto em questão foi, majoritariamente, a afinidade com o tema, que remete ao protofeminismo e, principalmente, em virtude da contemporaneidade que a autora traz e seu estilo incisivo e analítico. O intuito de trazer esse texto à língua portuguesa é pela contribuição que pode ter em estudos relacionados ao feminismo e à tradução.

O trabalho resgata aspectos biográficos da autora no intuito de compreender a origem de suas ideias avançadas para a época e traça um panorama sobre o início da história do feminismo. Além disso, busca refletir sobre o processo de tradução do texto a partir da abordagem funcionalista de Christiane Nord. Igualmente apresentamos os principais desafios que surgiram durante o processo tradutório e o recurso da ironia como estratégia de argumentação utilizada pela autora. Por fim, este trabalho possibilita a aproximação da autora Hedwig Dohm e de sua obra a falantes de português e, possivelmente, agrega elementos aos estudos sobre feminismo.

PALAVRAS-CHAVE: tradução; literatura de língua alemã; funcionalismo; protofeminismo.

Abstract

The present paper consists on the analysis and translation of the text *Vier Kategorien der Antifeministen* (Four categories of antifeminists), first chapter of the collection *Die Antifeministen. Ein Buch der Verteidigung* (The antifeminists. A book of vindication), composed by five articles published in different newspapers in a five-year period, between the end of the 19th century and beginning of the 20th century. The articles were written by the feminist German writer Hedwig Dohm.

The motive for the selection of this text was, mainly, the affinity with the subject, which refers to protofeminism, and also due to the author's contemporarity and her incisive and analytic style. The reason behind bringing this text to the Portuguese language is due to the contribution it might add to the studies related to feminism and to translation itself.

This paper brings to light biographic aspects of the author with the intention of understanding the origin of her ideas, which were advanced for the time, and traces a panorama on the beginning of the history of feminism. Besides, it aims at reflecting upon the process of translating a text, under the lines of Christiane Nord's functionalist approach to translation. Simultaneously, presenting the main challenges that we came across during the translation process, and the usage of irony as a means for building an argument used by the author. Finally, this paperwork enables the author Hedwig Dohm and her works to get closer to Portuguese speakers and, possibly, adds up elements to the studies on feminism.

KEYWORDS: translation; German language literature; functionalism; protofeminism.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a todos os envolvidos do *Ilê Itá Balagô*. Sem o apoio da religião eu não teria me tornado quem me tornei, não teria o *ori* firme e, provavelmente, não estaria aqui para vivenciar tudo isso. Incluo não apenas as irmãs e irmãos de axé, mas também as entidades que me proporcionam e me ensinam tanto.

Agradeço ao meu pai, Hans Gunnar Muller, pelo apoio, em todos os sentidos, e pela convivência. A nossa parceria é única. Ao meu irmão, Martin Muller, e à minha cunhada, Aline dos Santos Romi Muller, parceiros e confidentes para todas as horas. Vocês são a minha base. À minha mãe, Beatrix Buss Muller, que infelizmente não me viu entrar para a faculdade, mas que foi a grande responsável pelo meu amor aos estudos. O coração aperta com saudade até hoje.

Eu não poderia deixar de mencionar minhas amigas inseparáveis (quase partes de mim mesma), Pollyanna Pinheiro Pereira e Vanessa Soares de Oliveira, que sempre me apoiam e que são o meu refúgio. Meu amor transborda pelos olhos quando penso em vocês.

Agradeço, também, à minha amiga Júlia Meiners de Oliveira, que sempre esteve ao meu lado para ouvir minhas lamentações e que me permitiu confessar coisas que eu não teria coragem de proferir em voz alta novamente.

À minha orientadora, Fabiana Macchi, que eu admiro imensamente, agradeço pela oportunidade, tempo e paciência. Não consigo mensurar o tanto que aprendi no decorrer deste trabalho.

À Hedwig Dohm e a todas as mulheres que lutaram a favor do feminismo para que eu e tantas outras possamos estar aqui hoje escrevendo e exercendo nossa individualidade, sendo aquilo que se realmente é.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que passaram pela minha vida para que eu pudesse me transformar em quem sou hoje. Concluo não apenas um trabalho e um curso acadêmico, mas também uma etapa de grande importância na minha vida, que me proporcionou imenso aprendizado e abriu novos horizontes.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|------------------------------|----|
| Figura 1 – “Fórmula Q” | 37 |
| Figura 2 – Hedwig Dohm..... | 55 |

LISTA DE ABREVIACOES

TF – texto fonte

TA – texto alvo

LF – língua fonte

LA – língua alvo

KPD – *Kommunistische Partei Deutschlands* (Partido Comunista da Alemanha)

SPD – *Sozialdemokratische Partei Deutschlands* (Partido Social-Democrata da Alemanha)

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. Introdução | 10 |
| 2. Hedwig Dohm: trama e cenário | 12 |
| 3. As origens do feminismo e a obra de Hedwig Dohm | 21 |
| 3.1 Pioneiras e protagonistas | 21 |
| 3.1.1 Christine de Pizan..... | 21 |
| 3.1.2 Lucrezia Marinella..... | 23 |
| 3.1.3 Mary Wollstonecraft..... | 24 |
| 3.1.4 André Leo..... | 24 |
| 3.1.5 Alexandra Kollontai..... | 26 |
| 3.1.6 Minna Cauer..... | 26 |
| 3.1.7 Rosa Luxemburgo..... | 27 |
| 3.1.8 Emma Ihrer..... | 28 |
| 3.1.9 Clara Zektin..... | 28 |
| 3.2 As publicações de Hedwig Dohm | 29 |
| 3.2.1 <i>Was die Pastoren von der Frauen denken</i> | 30 |
| (O que os pastores pensam das mulheres) | |
| 3.2.2 <i>Der Jesuitismus im Hausstande</i> | 31 |
| (O jesuitismo na condição doméstica) | |
| 3.2.3 <i>Die wissenschaftliche Emancipation der Frau</i> | 32 |
| (A emancipação científica da mulher) | |
| 3.2.4 <i>Der Frauen Natur und Recht</i> | 33 |
| (Natureza e direitos das mulheres) | |
| 3.2.5 <i>Die Antifeministen. Ein Buch der Verteidigung</i> | 33 |
| (Os antifeministas. Um livro de defesa) | |
| 4. Fundamentos teóricos | 35 |
| 4.1 Da tradução..... | 35 |
| 4.2 Da ironia..... | 41 |
| 5. Comentários sobre a tradução | 44 |
| 5.1 Questões lexicais..... | 46 |
| 5.2 Pressuposições..... | 49 |
| 5.3 Efeito e tom..... | 50 |
| 6. Considerações finais | 54 |

| | |
|---|----|
| 7. Referências bibliográficas | 56 |
| 7.1 Dicionários..... | 56 |
| 7.2 Literatura..... | 57 |
| 7.2.1 Primária..... | 57 |
| 7.2.2 Secundária..... | 57 |
| ANEXO A – Texto original do primeiro capítulo do “Os Antifeministas. Um livro de defesa”..... | 62 |
| ANEXO B – Tradução inédita do primeiro capítulo do “Os Antifeministas. Um livro de defesa”..... | 67 |

1. Introdução

Este trabalho tem como objeto de estudo a tradução do primeiro capítulo do livro *Die Antifeministen. Ein Buch der Verteidigung* (Os antifeministas: Um livro de defesa), de Hedwig Dohm, publicado no ano de 1902 em Berlim. Composta por cinco capítulos, que foram artigos publicados em diferentes jornais nos cinco anos anteriores, a autora classifica a coletânea como “um livro de defesa, não de ataque”¹. Na introdução do livro, Hedwig Dohm afirma que foi amplamente criticada como estando sempre contra os homens – e ela se defende e explica, então, que é somente contra os homens que querem privá-la de seus direitos e que validam as mulheres apenas como “parideiras”:

As pessoas me acusaram de que meus artigos polêmicos seriam o sinal de uma "guerra entre sexos", uma pregação inimiga do masculino, sob o lema: nada a favor do homem, tudo contra o homem.
Contra qual homem? Somente contra aqueles que querem manter para toda a eternidade a minha privação de direitos, aquele que permite que a mulher seja considerada apenas meio de passagem para pessoas reais – como parideira do homem.² (DOHM, 1902, p. 4, tradução minha)

Cada capítulo de *Os Antifeministas: Um livro de defesa* tem foco em um tipo de antifeminista, com explicações acerca de como eles foram levados a esses pensamentos e quais são suas convicções, as quais a autora preocupa-se em refutar de forma lógica.

O primeiro capítulo, sob o nome de *Vier Kategorien der Antifeministen* (Quatro categorias de antifeministas) classifica brevemente as quatro categorias, abrindo a discussão acerca do tema. Até onde foram minhas pesquisas, esse texto nunca foi traduzido para nenhuma língua estrangeira. Além disso, há poucos relatos, informações e traduções disponíveis sobre a autora e suas obras, assim como sobre outras mulheres feministas da mesma época, portanto, trata-se de um campo com grande oportunidade de pesquisa.

Hedwig Dohm foi uma escritora feminista que viveu em Berlim durante o século XIX e faleceu no início do século XX, épocas nas quais o movimento feminista ainda não tinha sido estabelecido e estava apenas iniciando. A escolha pela autora partiu de uma pesquisa sobre autoras feministas de língua alemã que escreveram e publicaram até o final do século XIX. Hedwig Dohm foi a escolhida devido a sua história e, principalmente, ao seu estilo único.

¹ “[...] *ein Buch der Verteidigung, nicht des Angriffs.*” (DOHM, 1902, p. 4)

² No original: “*Man hat mir vorgeworfen, daß meine polemischen Aufsätze der Ausdruck eines Geschlechtskampfes seien, ein männerfeindliches Dreinhauen, unter dem Motto: nichts mit dem Mann, alles gegen den Mann.*”

Gegen welchen Mann? doch nur gegen denjenigen, der meine Entrechtung für alle Ewigkeit festhalten will, der das Weib nur als Durchgang zum eigentlichen Menschen – als Gebärerin des Mannes – gelten läßt.” (Ibid.)

Traduzir Hedwig Dohm mostra-se relevante nos dias de hoje, pois, por ser uma autora inédita na língua portuguesa, a versão traduzida traz a possibilidade de mais pessoas conhecerem o trabalho e se interessarem, promovendo novos caminhos nos estudos feministas e de tradução, que é um dos principais objetivos deste trabalho. Além disso, a autora também escreveu textos que ainda são extremamente atuais e necessários, o que torna ainda mais crucial a propagação de suas ideias, afinal, ela era tida como radical até mesmo entre as mulheres defensoras dos direitos femininos³, pois tinha um tom muito incisivo e utilizava-se de estratégias de argumentação como a ironia e o humor, além de levantar questões que continuam a ser debatidas hoje, um século depois, como fez, por exemplo, ao questionar “o que significa ser uma ‘verdadeira mulher autêntica’” (NEVIN, 2015, p. 177, tradução minha)⁴.

Em suma, os objetivos desse trabalho são: apresentar uma possibilidade de tradução para *Vier Kategorien der Antifeministen* (Quatro categorias de antifeministas); fazer com que a autora e sua obra ganhem maior evidência nos estudos feministas e de tradução nos ambientes de língua portuguesa; levantar a questão da relevância da discussão feminista, que é tão antiga e, provavelmente, muitas pessoas não conheciam suas origens.

Além da tradução em si, constante do Anexo 2, é exposto, no Capítulo 2, aspectos sobre a vida da autora que consideramos relevantes para compreendermos as origens de seu espírito contestador e, conseqüentemente, de seus escritos. No Capítulo 3, apresentamos um panorama do início do movimento feminista na Europa, com ênfase na Alemanha, bem como as primeiras obras de cunho feminista da autora.

O processo tradutório teve como base a abordagem teórica funcionalista, com ênfase no modelo proposto por Christiane Nord (2016), chamado “Fórmula Q”, e na definição de ironia que Ida Machado (2014) e Lélia Duarte (1994) apresentam, ambos apresentados no Capítulo 4. Por fim, o capítulo 5 contempla os comentários e aplicação prática.

³ Como será apresentado no capítulo 3, a escritora e ativista feminista Jenny Hirsch criticou uma obra de Dohm, acusando-a de distorcer as normas femininas de maneira radical e de promover uma luta agressiva a favor dos direitos das mulheres (NEVIN, 2015, p. 179).

⁴ No original: “*what it means to be ‘ein echtes, ein wahres Weib’*”. (*Ibid.*, p. 177)

2. Hedwig Dohm: trama e cenário

Até o momento, não foi possível encontrar informações sobre Hedwig Dohm em português. Há algumas informações em inglês e em alemão, mas, mesmo assim, ainda há incertezas e contradições em relação a alguns fatos da sua vida, inclusive sobre a data do seu nascimento. Há algumas obras biográficas, que são de difícil acesso, mas que são dignas de menção: *Mehr Stolz, Ihr Frauen!* (1987) (Mais orgulho, mulherada!) de Julia Meißner; *Die Menschenrechte haben kein Geschlecht: die Lebensgeschichte der Hedwig Dohm* (1989) (Os direitos humanos não têm gênero: A história de vida de Hedwig Dohm), de Heike Brandt; *Spuren ins Jetzt: Hedwig Dohm, eine Biografie* (2010) (Pistas para o agora: Hedwig Dohm, uma biografia), de Isabel Rohner. Ademais, Hedwig Dohm publicou, no ano de 1912, uma obra autobiográfica chamada *Kindheitserinnerungen einer alten Berlinerin* (Memórias de infância de uma antiga berlinense).

Ao pesquisar outras fontes que abordam a vida de Hedwig Dohm, foi possível encontrar a revista *Berlinische Monatsschrift* (Periódico Berlinense), representante da sociedade berlinense na época, fundada em 1783 pelos iluministas Friedrich Gedike e Johann Erich Biester. As publicações tratavam sobre a história e o desenvolvimento das regiões de Berlim e Brandemburgo, assim como um pouco sobre a vida cotidiana dos séculos passados, personalidades esquecidas, fatos e detalhes sobre a localidade. A revista teve sua última publicação no ano de 1811. Iniciou as atividades novamente, entretanto, em 1992, pela editora *Luisenstädtischer Bildungsverein*, que publicou novas edições até 2001.⁵

Hans-Peter Doege (2000) escreveu na segunda edição do *Berlinische Monatsschrift* sobre Marianne Adelaide Hedwig Schlesinger, nascida em 29 de setembro de 1831⁶ em Berlim, a primeira filha mulher tendo, ao todo, dezessete irmãos. Seu pai, Gustav Adolph Schlesinger, era judeu (mais tarde converteu-se ao protestantismo e mudou seu sobrenome para Schleh). Como era fabricante de tabaco, a família dispunha de um patrimônio financeiro considerável para a época, apesar do número de filhos. Entretanto, segundo Doege (2000), a autora cresceu em um ambiente de classe média um pouco incomum, enquanto seu pai passava a maior parte do tempo trabalhando, presente apenas aos domingos, e sua mãe,

⁵ A edições da *Berlinische Monatsschrift* estão atualmente disponibilizadas online no site da Universidade de Bielefeld, disponível em: <<http://ds.ub.uni-bielefeld.de/viewer/toc/2239816/1/>>. Acesso em 4 de dezembro de 2022. As edições mais recentes encontram-se disponíveis em: <https://berlingeschichte.de/bms/berlinische_monatsschrift_publicationen_stadtgeschichte.html>. Acesso em 4 de dezembro de 2022

⁶ Doege (2000) aponta a data 29 de setembro como o dia de nascimento (disponível em: <<https://berlingeschichte.de/bms/bmstxt00/0002porb.htm>>. Acesso em 4 de dezembro de 2022). No site da biografia de Hedwig Dohm de autoria de Isabel Rohner, porém, encontra-se o dia 20 de setembro. (Disponível em: <<http://www.hedwigdohm.de/edition-hedwig-dohm/>>. Acesso em 4 de dezembro de 2022)

Wilhelmine Henriette Jülich, não se encaixava no modelo de dona de casa recatada da época, pois falava muito e não se importava com os comportamentos vigentes, além de ser muito tirânica e manter um regime disciplinar rigoroso dentro de casa. A própria Hedwig Dohm afirma em sua obra autobiográfica que era o oposto da mãe, descrevendo-a como “veloz, resoluto, impetuoso, tirânico”⁷ (DOHM, 1912, p. 42, tradução minha), enquanto a descrição de si mesma era “quieta, pensativa, medrosa, tímida”⁸ (DOHM, 1912, p. 42, tradução minha), pois temia a violência de Wilhelmine, afinal, era comum os pais baterem nos filhos com a intenção de educá-los. A autora também recorda a ausência de amigos em suas lembranças pessoais de infância, portanto descreve-se como uma “criança profundamente infeliz, uma incompreendida, uma criança sem amor materno”⁹ (DOHM, 1912, p. 42, tradução minha). Além disso, foi a primeira de seus irmãos a ser amamentada por uma ama de leite, o que provavelmente contribuiu para que esse sentimento de exclusão e falta de acolhimento materno se aprofundasse.

Em relação à educação, a autora afirma que era uma das melhores alunas da escola. A formação típica das meninas não era focada no desenvolvimento da inteligência, como era comum na escola dos rapazes, portanto havia estudos religiosos e o objetivo central da educação era o desenvolvimento da emoção e sensibilidade. Os temas das redações eram, normalmente, “Sentimentos ao início da primavera, sensações ao pôr do sol ou observação da noite de ano novo”¹⁰ (DOHM, 1912, p. 48, tradução minha). Os professores das classes mais altas eram mais velhos que, ao que parecia a ela, não eram mais úteis à escola dos rapazes, por isso trabalhavam na escola para meninas, pois lá não se exigia perspicácia e raciocínio lógico. Com isso, ela sabia que possuía grandes lacunas em sua formação educacional e que tinha potencial para ser mais do que a escola oferecia, pois, desde os seus onze anos de idade, já tinha certeza de que se tornaria poetisa, embora não suspeitasse que a ocupação exigia mais do que vocação ou talento (DOHM, 1912, p. 49-50). Em relação à educação física era semelhante, pois os rapazes praticavam nado e remo, enquanto para as meninas não havia prática de exercícios físicos, portanto “meninos e meninas viviam em mundos separados”¹¹ (DOHM, 1912, p. 26, tradução minha). Enquanto eles patinavam e brincavam na neve, brincavam de se bater e eram preguiçosos na escola, as meninas, quietas e recatadas, faziam trabalhos manuais e bordavam.

⁷ “[...] *rasch, resolut, aufbrausend, herrschsüchtig.*” (DOHM, 1912, p. 42)

⁸ “[...] *still, versonnen, furchtsam, schüchtern.*” (*Ibid.*)

⁹ “[...] *leidenschaftlich unglückliches Kind, ein verkanntes, ein Kind ohne Mutterliebe.*” (*Ibid.*)

¹⁰ “*Gefühle beim Beginn des Frühlings, Empfindungen beim Untergang der Sonne, oder Betrachtungen in der Sylvesternacht.*” (*Ibid.*, p. 48)

¹¹ “*Knaben und Mädchen lebten in getrennten Welten*” (*Ibid.*, p. 26)

De acordo com Doege (2000), a autora foi criada para ser esposa, de modo que aprendeu a fazer trabalhos domésticos e também frequentou aulas de piano e desenho, essas com a promessa de que futuramente poderia participar do *Lehrerseminar* – um instituto de formação de professores de ensino fundamental. O curso tinha a duração de um ano e era uma das poucas oportunidades para as mulheres da época conseguirem se inserir no mercado de trabalho. Segundo Doege, Hedwig achou a qualidade da formação uma catástrofe.

Hedwig evidencia, em sua obra autobiográfica, que seus pais eram completamente indiferentes às questões sociais, políticas e religiosas da época, sendo livres de preconceitos que as famílias da região na qual ela e os irmãos cresceram.¹² Ao afastarmos a visão para o território alemão para compreender o cenário da época, observa-se que o tipo de governo vigente ainda era o antigo Sacro Império Romano-Germânico, dividido entre Áustria e Prússia desde o século XVIII, que estava sendo assolado pelas guerras decorrentes da Revolução Francesa. O império teve seu fim no início do século XIX e, com isso, monarcas e estadistas reuniram-se no Congresso de Viena e decidiram reorganizar a Europa, estabelecendo princípios que restringiam as ideias revolucionárias e nacionalistas. Entretanto, essa nova organização política e social encontrou resistências, motivando a Revolução de Março de 1848 (ou Primavera dos Povos) nos estados alemães, uma série de revoluções que iniciou em decorrência de motivos econômicos, sociais e políticos, em especial por conta dos governos autocráticos.

Por volta dos vinte e dois anos de idade, Hedwig Schlesinger se formou com excelência no *Lehrerseminar* como professora e casou-se com Friedrich Wilhelm Ernst Dohm, formado em filosofia e teologia em Halle, na Alemanha. Seu marido tinha trinta e quatro anos (doze anos mais velho do que ela), era natural de Breslávia, na Polônia, e também de uma família originalmente judia convertida ao protestantismo. Ernst Dohm trabalhou como redator-chefe por trinta e cinco anos no jornal satírico *Kladderadatsch* até a sua morte, em 1883.

O *Kladderadatsch* foi fundado por Albert Hofmann e David Kalisch e teve a primeira publicação em maio de 1848, totalizando quatro mil cópias. O jornal tinha originalmente um caráter liberal, que, ao decorrer dos anos, tornou-se mais conservador, embora tenha mantido a essência humorística, e teve suas atividades interrompidas apenas em 1944.

¹² Em sua obra autobiográfica, Dohm escreve: “Tenho consideração pela ignorância ingênua dos meus pais em comparação à completa indiferença deles a todas as questões religiosas, políticas e sociais. Nós crescemos livres de todos os preconceitos e de quaisquer tradições familiares das regiões mencionadas.” No original: “*Einen Vorteil verdanke ich der naiven Unwissenheit der Eltern, ihrer völligen Indifferenz allen sozialen, politischen und religiösen Fragen gegenüber: Frei von allen Voreingenommenheiten, von irgendwelchen Familientraditionen auf den erwähnten Gebieten, wuchsen wir auf.*” (DOHM, 1912, p. 45)

Nesse mesmo ano de início das atividades do jornal, Marx e Engels publicaram o Manifesto do Partido Comunista, obra de grande influência política na qual é realizada uma análise histórica da opressão social, criticando a produção capitalista. Durante esse período, as ideias liberais, nacionalistas e marxistas ganhavam força e faziam com que trabalhadores, camponeses e burgueses se unissem às revoluções e lutassem pela democracia. Ernst Dohm era engajado no movimento democrático que ocorria e, segundo Doege (2000), ele se tornaria, mais tarde, um nacionalista e grande admirador de Otto von Bismarck, como muitas pessoas da época. O príncipe Bismarck foi nomeado como primeiro-ministro da Prússia e, em 1871, promoveu a unificação do território alemão e uma nova constituição, tornando-se o primeiro chanceler do Império Alemão, tendo Berlim como capital. Conservador, nacionalista e militar, era contra o movimento social democrata e tornou ilegal várias organizações, assembléias e periódicos dessa vertente.

Com toda a explosão de ideias liberais e revoltas pelo continente, era natural que a produção cultural refletisse esses acontecimentos. O *Kladderadatsch* não foi o único jornal satírico da época, sendo importante mencionar também o *Simplicissimus* – jornal político satírico fundado em 1896 por Albert Langen em Munique e importante meio para a vanguarda artística e literária da época, contando com caricaturas de políticos, militares, membros da igreja, entre outras figuras. O jornal teve alguns trabalhadores regulares que tornariam-se famosos mais tarde, como o pintor, escritor e ilustrador Thomas Theodor Heine, formado em Belas Artes e conhecido por seus trabalhos como cartunista no *Simplicissimus*, bem como pela conhecida ilustração do Tratado de Versalhes que pintou ao fim da Primeira Guerra Mundial, em 1919. Além disso, suas obras também criticavam a ordem social vigente e a monarquia, o que o levou à prisão por seis meses por volta dos trinta anos.

O casal Dohm teve cinco filhos durante os anos de 1854 a 1860, sendo um menino (falecido aos doze anos) e quatro meninas. Durante os períodos de gravidez, Hedwig se ocupou com algumas traduções do espanhol para o alemão – língua que, segundo Doege, ela aprendeu em uma viagem que fez ao sul da Espanha pouco antes de se casar e de se formar.¹³ A partir dessas traduções, ela escreveu seu primeiro livro, que tratava sobre a literatura espanhola, chamado *Die Spanische National-Literatur in ihrer geschichtlichen Entwicklung* (A literatura nacional espanhola em seu desenvolvimento histórico), publicado em 1867 sob a alcunha neutra de “H. Dohm”.

De acordo com Doege (2000), por volta dos trinta e quatro anos de idade, Hedwig Dohm mudou-se para a Potsdamer Straße juntamente com seu marido e filhos. Nessa época, o

¹³ Não foi possível encontrar mais informações acerca dessa viagem além dessa breve menção de Doege (2000).

casal tinha contato com a elite intelectual de Berlim, pois realizava um dos últimos e maiores salões literários da cidade. Os salões literários eram muito comuns no século XVIII. Tratava-se de local onde um anfitrião ou uma anfitriã promovia reuniões regulares com homens e mulheres cultos para se divertirem e discutirem questões relacionadas à filosofia, à literatura, aos acontecimentos da época etc. Conforme escrevem Doege (2000) e Isabel Rohner, autora de *Spuren ins Jetzt* (2010) (Pistas para o agora), os encontros eram realizados toda segunda-feira, e era comum haver visitas notáveis como, por exemplo, o teórico Ferdinand Lassale, que, posteriormente, seria citado em um ensaio de Hedwig. Além de escritor e político, ele esteve junto de Karl Marx durante a Revolução de 1848, mas cortou relações um tempo antes de começar a frequentar o salão literário do casal Dohm.¹⁴ Nessa época, Lassale era fundador da Associação Geral dos Trabalhadores Alemães¹⁵ (ADAV) que, futuramente, se tornaria o Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD), e manteve uma orientação marxista até meados do século XX. Além disso, teve grande importância na área da sociologia e do direito com o livro *Über die Verfassung* (1862), traduzido para o português como *O que é uma Constituição?* e *A essência da Constituição*. Com essa obra, a concepção de Lassale sobre o conceito sociológico de constituição tornou-se muito reconhecida pelos teóricos constitucionalistas.¹⁶

Outra visita ilustre do salão literário do casal Dohm era o escritor, jornalista e crítico literário Theodor Fontane, que publicou poemas, novelas, romances e livros de viagem, tornando-se um importante nome para o movimento literário do realismo. Fontane destacou-se na área do jornalismo quando esteve em Londres, onde teve contato com as artes plásticas e o teatro, levando-o a traduzir Shakespeare. Assim que retornou a Berlim, Fontane atuou como crítico teatral por mais de vinte anos no jornal liberal *Vossische Zeitung*, sendo conhecido também como um respeitado repórter, crítico e poeta. Sua obra mais famosa é *Effi Briest*, publicada em 1895, tendo como personagem principal uma mulher que, submetida às normas sociais, casou-se contra sua vontade. A recepção da obra foi, no mínimo, polêmica,

¹⁴ Pode-se perceber a divergência de pensamentos e, conseqüentemente, o corte de relações em alguns momentos, como apresenta Reis (2006): “Mesmo trabalhando juntos em 1848, Marx e Lassalle foram, com o passar dos anos, distanciando-se cada vez mais. Em conseqüência de suas divergências, é que ocorre a ruptura entre as tendências marxiana e lassalleana. Como exemplo dessa separação, pode-se lembrar a não participação da corrente lassalleana na Associação Internacional dos Trabalhadores, também conhecida como I Internacional, em muito, graças à figura de Marx que exercia uma papel destacável.” (REIS, 2006, p. 29) Além disso, Machado (2022) complementa: “Ainda em 1859, outro fator estremeceu a relação de Lassalle com Marx e Engels: a segunda guerra de unificação Italiana.” (MACHADO, 2022, p. 55008)

¹⁵ *Allgemeiner Deutscher Arbeiter-Verein*.

¹⁶ ALMEIDA, 2016. Disponível em:

<<https://rodrigoandradedealmeida.jusbrasil.com.br/artigos/365383576/ferdinand-lassalle-e-o-conceito-sociologico-de-constituicao-parte-1>>. Acesso em 5 de outubro de 2022.

pois, além de abordar a perspectiva feminina dos acontecimentos, também narra um adultério praticado pela personagem principal, promovendo um grande marco para a literatura da época, que não contemplava temas como esses.

Também era comum, no salão, a visita de algumas escritoras ativistas dos direitos das mulheres, como, por exemplo, Lily Braun, jornalista, influenciada por Nietzsche e afiliada ao SPD, que lutava pela liberdade econômica e pela individualidade das mulheres, além de se tornar uma das líderes do movimento feminista alemão, no qual tentava mediar as vertentes burguesa e proletária. Suas convicções, porém, eram criticadas por autoras socialistas, enquanto a classe média a considerava muito radical.¹⁷ Trabalhou no *Die Frauenbewegung* (O movimento feminista), jornal que tinha como objetivo a luta pelos direitos das mulheres e que deu espaço a várias escritoras, inclusive a Hedwig Dohm. Além disso, Lily Braun também publicou vários livros. Dentre as diversas obras, podemos citar duas principais: *Die Frauenfrage: ihre geschichtliche Entwicklung und ihre wirtschaftliche Seite* (1901) (A questão da mulher: o desenvolvimento histórico e o lado econômico) e o romance autobiográfico *Memoiren einer Sozialistin* (Memórias de uma socialista).

A questão da mulher (1901) é dividida em dois capítulos, nos quais são abordados o movimento feminista burguês e proletário a fim de esclarecimento da legislação social democrata para mulheres trabalhadoras. Além disso, também defende o amparo a mulheres durante o período do puerpério. A segunda obra mencionada, *Memórias de uma socialista*, foi publicada em dois volumes: *Lehrjahre* (1909) (Anos de aprendizagem) e *Kampffahre* (1911) (Anos de guerra), que narram sua história de vida.

Outra escritora ativista frequentadora das reuniões do casal Dohm era Fanny Lewald, que se posicionava contra o casamento forçado e contra a proibição do divórcio. Por volta dos trinta anos, Fanny Lewald publicou seus primeiros romances, nos quais analisava e criticava as convenções e tradições da época, incluindo os trajes femininos. Apreciava brincar com a realidade, produzindo livros de ficção com personagens peculiares, como uma mulher com uma carreira incomum para a época ou um homem que cuidava do lar. Paralelamente à publicação de romances, escrevia ensaios com foco nos direitos iguais entre homem e mulher, onde escrevia sobre mulheres e homens serem igualmente talentosos. Algumas dessas obras de cunho feminista são *Osterbriefe für die Frauen* (1863) (Cartas do oriente para as mulheres) e *Für und wider die Frauen* (1870) (A favor e contra as mulheres).

¹⁷ De acordo com Lischke et al.: “A tentativa de Braun de reunir todas as vertentes do movimento feminista na Alemanha rapidamente levou ambos os grupos de mulheres burguesas e socialistas em fúria sobre ela.” No original: “*Braun's attempt to unite all factions of the women's movement in Germany quickly brought the wrath of both the bourgeois and socialist women upon her.*” (LISCHKE et al., 2000, p. 36)

Fanny Lewald viajou muito no decorrer de sua vida, e, durante a estadia em Roma, conheceu o escritor Adolf Stahr, com quem trabalhou e por quem se apaixonou. Posteriormente, ambos se casaram e publicaram *Ein Winter im Rom* (1866) (Um inverno em Roma), um livro com registros do diário de viagem e cartas que trocaram. Com residência em Berlim, mantinham contato com o casal Dohm e frequentavam as reuniões às segundas-feiras.

Stahr era historiador, passou boa parte de sua vida trabalhando como professor e fez uma longa viagem pela Itália, Suíça e França, quando conheceu sua esposa, embora só tenha se casado com ela dez anos depois. Alguns de seus principais trabalhos são o livro de não-ficção *Die Preußische Revolution* (A revolução prussiana), que aborda a Revolução de 1848, publicado por volta de dois anos depois das revoltas; além disso, também houve obras sobre história da arte, livros de viagem, traduções de Aristóteles, obras históricas e biográficas sobre autores famosos, como Gotthold Ephraim Lessing e Goethe.

Após a morte de seu marido, Hedwig Dohm, aos cinquenta e dois anos, foi morar com sua filha Else e o marido desta, conforme aponta Rohner¹⁸, e, durante este período, fez viagens e manteve contato com amigos e personalidades que eram ligadas ao movimento feminista. A autora era considerada “muito radical” para o movimento feminista burguês. Hedwig Dohm escreveu em torno de noventa artigos, ensaios e folhetins publicados em jornais, normalmente progressistas e feministas, como o *Die Frauenbewegung* (O movimento feminista), o *Die Zukunft* (O futuro), onde eram publicados diversos artigos sobre arte e política, e o *Sozialistische Monatshefte* (Revista socialista), periódico social-democrata que promovia um espaço livre para debate, pois não era controlado pelo partido. Em seguida, revisou alguns de seus trabalhos e publicou coletâneas, como o *Die Antifeministen* (Os antifeministas) e *Die Mütter* (As mães). Hedwig Dohm passou os últimos anos de sua vida escrevendo, ainda ligada ao movimento feminista, e faleceu de pneumonia em primeiro de junho de 1919, aos 87 anos. Foi enterrada no cemitério da Igreja de St.-Matthäus, em Schöneberg, Berlim.

Ao continuar buscando novas informações acerca da trajetória da autora, é possível perceber sua infelicidade em diversas áreas da vida, não apenas na infância. Elodie Nevin descreve, em sua tese de doutorado, um pouco sobre a vida de Hedwig:

Como filha, ela se sentia alienada de sua mãe; como esposa, estava desapontada com a infidelidade repetitiva de seu marido; e como mãe, lamentou publicamente a falta de oportunidades para mulheres mais velhas assim que seus dias de licença maternidade acabaram. Apesar de ser formada como professora, Dohm nunca

¹⁸ Disponível em: <<http://www.hedwigdohm.de/biografie-hedwig-dohm/>>. Acesso em 19 de abril de 2022.

trabalhou; ela se casou aos vinte e dois e teve cinco filhos. (2015, p. 180, tradução minha)¹⁹

Nevin escreve, ainda, sobre a aparência de Hedwig Dohm e suas filhas, usando como referência a biografia da autora, escrita por Heike Brandt²⁰. Há um capítulo de nome *Ungebunden* – palavra na qual carrega o sentido de solto, livre, independente -, onde Brandt descreve uma foto de família do ano de 1865 e Nevin argumenta que, embora o título do capítulo sugira um desprendimento de aprovação social, a fotografia parece indicar o oposto:

As filhas de Dohm estão ‘vestidas como damas’ e suas figuras são magras; parece não haver nenhuma divergência visual das normas de vestimenta da época. Contudo, Dohm e suas filhas usam seus cabelos curtos e soltos, sugerindo uma insubordinação às normas de gênero, uma variação sobre o ‘feminino’. (NEVIN, 2015, p. 180-181, tradução minha)²¹

Diante de todas as circunstâncias presentes na vida de Hedwig Dohm, é possível vislumbrar, desde menina, a mulher que ela se tornou e também compreender um pouco das motivações para as obras publicadas. Conhecendo um pouco sobre sua infância e a relação complicada com sua mãe, além do fato de ter sido a primeira filha a ser amamentada por uma ama de leite, percebe-se que não é à toa que a maternidade seja um tema de grande importância em suas dissertações. Ela também descreve a mãe como tirana e afirma: “Ela era o homem dentro de casa”²² (DOHM, 1812, p. 42, tradução minha). Ao conceber a mãe como a primeira imagem de mulher que temos em nossa vida, podemos presumir a qual ideal de figura feminina Hedwig esteve exposta: autoritária, forte, não submissa. Além disso, também é plausível constatar que a autora sentia-se subestimada em relação aos seus irmãos, pois ela conseguia reconhecer as diferenças de tratamento entre homens e mulheres e seus respectivos deveres desde criança. Suas obras e seu estilo de escrita são, enfim, amparados por sua infância melancólica, juventude infeliz (é possível julgar que carregava constantemente uma tristeza consigo, já que estava submissa a certos padrões com os quais não concordava) e pela conjuntura da época. Além disso, também contribuíram para a formação do estilo de escrita as personalidades com as quais Hedwig teve contato ao longo de sua vida (incluindo seu marido), a necessidade de ser reconhecida como igual e, conseqüentemente, o interesse pela luta dos direitos das mulheres. Pode-se supor, então, que a tristeza e a melancolia no decorrer

¹⁹ “As a daughter she felt alienated from her mother; as a wife she was disappointed with her husband’s repeated infidelity; and as a mother she publically regretted the lack of opportunities open to old women once their child-rearing days are over. Although she trained as a teacher, Dohm never worked; she married at twenty-two and had five children.” (NEVIN, 2015, p. 180)

²⁰ *Die Menschenrechte haben kein Geschlecht: die Lebensgeschichte der Hedwig Dohm* (1989).

²¹ “Dohm’s daughters are ‘damenhaft gekleidet’ and their figures are slim; there seems to be no visual divergence from the sartorial norms of the time. However, Dohm and her daughters wear their hair short and loose, suggesting a rebellion against gender codes, a variation on the ‘feminine.’” (NEVIN, *op. cit.*, p. 180-181)

²² “Sie war der Herr im Hause.” (DOHM, 1912, p. 42).

de sua vida foram combustível para a força que tinha em questionar e querer mudar o *status quo*.

3. As origens do feminismo e a obra de Hedwig Dohm

3.1 Pioneiras e protagonistas

Embora a origem do termo “feminismo” ainda seja incerta, conforme pontua Karen Offen (1988, p. 126), sabe-se que seu uso teve início na França no início da década de 1890, como sinônimo para a emancipação da mulher. A definição de feminismo como conhecemos atualmente, porém, só começou a ganhar força a partir do início do século XX, durante a primeira onda feminista. Antes da instituição do movimento feminista na sociedade como a conhecemos atualmente, porém, é possível vislumbrar debates sobre temas afins desde o início do século XV na França. Conhecidos como *querelle des femmes* (questão da mulher), ocorriam por meio de manuscritos, livros, entre outros, e os principais temas eram a “defesa do acesso feminino à educação; a releitura de textos canônicos (incluindo a Bíblia e mitos greco-latinos), a partir de uma perspectiva feminista; a busca pela construção de uma história das mulheres” (DEPLAGNE, 2021, p. 28). Tais debates eram nomeados “querelas literárias”, pois as obras eram construídas como resposta a uma obra anterior. A seguir serão apresentadas algumas autoras que tiveram forte influência nos debates sobre os direitos das mulheres na Europa.

3.1.1 Christine de Pizan

Como exemplo destas querelas literárias, podemos citar *A Epístola ao Deus do Amor* (1399), da autora italiana Christine de Pizan (1364-1430), uma sátira epistolar composta por 860 versos em francês, nos quais são abordados, segundo Maria Apolonia: o “[...] mau comportamento de falsos cavaleiros e nobres desleais, prontos a tergiversar, em louvor próprio e contra as damas, nos assuntos amorosos e na proposição de ser a mulher, por natureza, superficial, maliciosa e pendente a dissimular.” (APOLONIA, 2015, p. 223) O conteúdo da obra consiste em respostas a escritos anteriores – a *Remédios de Amor* e a *Arte de Amar*, de Ovídio, e à segunda parte do *Romance da Rosa*, de Jean de Meun. A obra mais conhecida de Pizan, entretanto, viria apenas seis anos após o lançamento da mencionada epístola, em um livro chamado *A Cidade das Damas*, cujas personagens eram figuras conhecidas da história e cujo conteúdo era focado na defesa dos direitos das mulheres e na importância delas na sociedade. De acordo com Apolonia, *A Epístola ao Deus do Amor* foi “a primeira querela literária instaurada por uma mulher.” (APOLONIA, 2015, p. 221)

É evidente que Christine de Pizan era talentosa e dedicada aos estudos, conforme apresenta Ana Wuensch (2013, p. 5), mas não podemos negar que a escritora teve uma

formação no âmbito intelectual privilegiada em relação a outras mulheres da sua época. Seu pai era médico, astrólogo, filósofo e professor da Universidade de Bolonha, e sua mãe era filha de um importante anatomista. Christine de Pizan esteve, portanto, em contato com esses conhecimentos desde pequena, além de ter aprendido italiano, francês e latim. Além disso, aos quatro anos de idade, sua família se mudou para Paris a convite do rei, fazendo com que Christine tivesse acesso à biblioteca da corte desde criança. Wuensch apresenta o “*ethos* italiano no qual Christine de Pizan se cultivou” (2013, p. 5) ao citar o historiador Jacob Burckhardt “acerca da educação das mulheres italianas ‘nas classes superiores’” (WUENSCH, 2013, p. 5). Burckhardt explica:

Os italianos da Renascença não sentiam quaisquer escrúpulos em colocar filhos e filhas, sem distinções, no mesmo curso de instrução literária e até mesmo filológica. [...] Exigia-se para a perfeição da mulher o mesmo desenvolvimento intelectual e emocional que servia à perfeição do homem. Não se esperava dela, porém, uma obra literária ativa, mas, se fosse poeta, uma poderosa expressão de sentimentos, e não as confidências do romance ou do diário. [...] O maior elogio que se podia fazer então às grandes mulheres italianas era que tinham o cérebro e a coragem de um homem. (BURCKHARDT, 1991, p. 240-241 apud WUENSCH, 2013, p. 5-6)

Apesar disso, Christine não frequentou a universidade, pois o acesso ainda não era permitido às mulheres, ou seja, era um ambiente exclusivamente masculino, embora houvesse uma exceção, como menciona a própria autora ao falar de “[Maria de] Novella, sábia italiana que teria lecionado ‘matemáticas’ na Universidade de Bolonha” (PIZAN, Livro II, cap. XXXVI apud WUENSCH, 2013, p. 4). As poucas mulheres que se destacavam eram formadas em ordens religiosas, como a abadessa beneditina alemã Hildegarda de Bingen, escritora e compositora que viveu entre os séculos XI e XII, muito respeitada na época e considerada até os dias de hoje como uma personalidade importante, não apenas por suas produções e conhecimentos, mas também por suas experiências visionárias, como ela mesma relatou em sua autobiografia. (MARTINS; EGGERT, 2022, p. 15)

A partir das suas publicações, Christine de Pizan despertou uma polêmica e passou por dificuldades até conseguir tornar-se uma escritora profissional. Respondeu “[...] em quatro instâncias jurídicas, por quatro processos em tribunais diferentes, o que se alongou por quase uma década. Passou pela provação de cada processo, enfrentando uma realidade até então desconhecida para uma mulher cultivada nas letras, mas não nos tribunais.” (PERNOUD, 2000, p. 41-43 apud WUENSCH, 2013, p. 10). Apesar disso, conseguiu aliados importantes da nobreza e da universidade e, aos poucos, criou “um espaço literário de referência comum para as próximas gerações” (WUENSCH, 2013, p. 9). A *querelle des femmes* tornou-se, com o passar do tempo, uma prática política, como afirma Luciana Calado em sua tese de doutorado: “Assim, através do protesto contra a discriminação [sic] feminina presente nas

obras literárias, o debate intentava buscar outros caminhos de representação da mulher e criar um espaço maior dentro do cenário social daquela sociedade.” (CALADO, 2006, p. 63-64)

3.1.2 Lucrezia Marinella

Por volta de dois séculos mais tarde, surge uma nova contribuição para a filosofia e para a questão da mulher: *La nobiltà* (1600) (A nobreza), da italiana Lucrezia Marinella (1571-1653). A obra é uma resposta ao tratado *I donneschi difetti* (1599) (Os defeitos das mulheres), do autor Giuseppe Passi, e ela espelha a estrutura e metodologia utilizadas por Passi. Marguerite Deslauriers (2018) relata brevemente, na plataforma virtual do Departamento de Filosofia da Universidade de Stanford²³, os argumentos usados pelo escritor, que consistem em afirmações de que as mulheres são cobertas de defeitos e imperfeitas por serem sujeitas à paixão, não podendo ser consideradas animais racionais. Como contra-argumento, Marinella declara que a natureza feminina é diferente e superior à masculina e divide o livro em duas partes: na primeira, demonstra a nobreza e a excelência das mulheres, enquanto na segunda detalha os defeitos dos homens, aponta as falhas e os motivos desprezíveis, evidenciando a inferioridade deles.

Para estudar, Lucrezia Marinella teve apoio do pai, que era físico e também escrevia sobre a área médica, e acesso a uma boa educação, o que a levou a transitar por diversos gêneros, incluindo poesia lírica e narrativa, “[...] mas a sua habilidade como polemista filosófica demonstrava conhecimento direto da tradição literária clássica e treinamento em retórica e dialética, conhecimentos que eram incomuns entre as mulheres daquela época (PANIZZA et al., 2000 apud DESLAURIERS, 2018, tradução minha)²⁴.

A questão da mulher ganhava força aos poucos, principalmente no fim do século XVIII, período no qual ocorreu a Revolução Francesa, e, embora tenha sido uma grande luta a favor do direito à liberdade, à propriedade e à igualdade perante a lei, as mulheres ainda eram excluídas da condição de cidadã. Com isso, observamos algumas expressões proto-feministas que se tornam evidentes pela Europa e o crescimento do número de autoras cujas obras tratam sobre os direitos das mulheres, como a britânica Mary Wollstonecraft, autora de *A Vindication of the Rights of Woman* (1792) (Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher).

²³ Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/lucrezia-marinella/>>. Acesso em 8 de setembro de 2022.

²⁴ No original: “[...] but her skill as a philosophical polemicist demonstrated direct knowledge of the classical literary tradition and training in rhetoric and dialectic, all of which were unusual among women at the time”. (PANIZZA et al., 2000 apud DESLAURIERS, 2018)

3.1.3 Mary Wollstonecraft

Mary Wollstonecraft (1759-1797) nasceu em uma família inglesa de classe média e, como todas as mulheres da época, estava restrita aos valores tradicionais, recebendo uma educação de qualidade inferior à de seu irmão. Além das dificuldades financeiras que a família passou a enfrentar, Mary cresceu vendo o pai bater na mãe e nos irmãos e também presenciava as dificuldades que uma de suas irmãs passava no casamento, esclarece Miranda (2010, p. 116-117). Com isso, desde adolescente afirmava que nunca se casaria (MIRANDA, 2010, p. 117). A fim de conseguir sua independência financeira, trabalhou, então, como professora, como governante na casa de uma família aristocrática e também como dama de companhia. O fato de ter trabalhado como diretora de uma escola durante três anos fez com que ela conseguisse uma bagagem intelectual de melhor qualidade que acabou sendo fundamental para que ela iniciasse a sua atividade de escrita, pois mantinha contato com “o famoso círculo reformista criado em torno do pastor dissidente Richard Price, autor do sermão a favor da Revolução Francesa [...]”. (MIRANDA, 2010, p. 119-120) Os dissidentes eram “todos os fiéis protestantes não membros da Igreja da Inglaterra, excluídos legalmente dos direitos civis, do acesso a cargos públicos e das universidades [...]” (MIRANDA, 2010, p. 120). Pode-se dizer, então, que Mary Wollstonecraft foi muito influenciada pelos meios em que estava inserida, pois, segundo Miranda, “[...] foi a partir delas que, certamente, se preparou para formular um pensamento crítico frente à sociedade.” (MIRANDA, 2010, p. 121)

O objetivo de *A Vindication of the Rights of Woman* (Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher) era inserir a questão dos direitos das mulheres no debate revolucionário, utilizando os princípios franceses de igualdade e liberdade. De acordo com Miranda (2010):

O intuito de Wollstonecraft era abordar o que ela chamava de “o destino da mulher” a partir de uma perspectiva bem mais ampla que a exclusivamente política. Sua principal preocupação era discutir a questão da formação da identidade feminina, centrando sua argumentação na dimensão cultural da opressão das mulheres. Para ela, a “inferioridade feminina”, pregada majoritariamente entre os iluministas, era fruto da situação social das mulheres e não uma característica inerente às mesmas. Wollstonecraft não concebia a desigualdade ou a hierarquia naturais entre os sexos. Para ela, ambos apresentavam as mesmas potencialidades, pois compartilhavam o dom da razão [...]. (p. 141-142)

3.1.4 André Leo

Em decorrência da eclosão de ideias liberais que ocorria na Europa, originada, principalmente, pela Revolução Francesa, essa região ainda era o centro onde tais produções a

favor dos direitos das mulheres se destacavam. A fim de apresentar um pouco sobre as produções de cunho feminista na França, podemos mencionar a jornalista e escritora francesa Victoire Léodile Béra (1824-1900). Ela usava o nome de seus filhos gêmeos como pseudônimo (André Léo) para a publicação de contos, romances, poemas e ensaios, e também teve artigos publicados em diversos jornais, sempre defendendo a resistência às desigualdades sociais. Em suas obras, ela narra o que ouviu falar e o que vivenciou, inclusive ao trazer a experiência de camponesas e operárias. Por volta dos quarenta anos de idade, fundou a *Société pour la Revendication des Femmes* (Sociedade de Reivindicação dos Direitos da Mulher) “em parceria com professores, camponeses, mulheres das letras e advogados [...] que teve como objetivo exigir a reforma no código civil para que as mulheres tivessem seus direitos efetivamente respeitados e fosse aberta uma escola para meninas [...]” (GASTALDELLO, 2015 apud LUZ et al., 2018, p. 10).

Embora a questão fosse lentamente disseminada pelo continente europeu, era possível perceber um avanço do movimento a favor dos direitos femininos pelo mundo, ocupando claramente um lugar no contexto político da época. De acordo com Charlotte Krolokke e Anne Sorenson (2005)²⁵, no ano de 1848 ocorreu a Convenção de Seneca Falls em Nova Iorque, contando com mais de trezentos homens e mulheres reunidos na primeira convenção pelos direitos das mulheres, que serviu de base para o movimento sufragista. As autoras registram a primeira onda feminista entre o fim do século XIX e durante o século XX, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa.

Em paralelo à primeira onda do feminismo liberal, surgiu uma onda feminista distinta, socialista/marxista, nos sindicatos de trabalhadores norte-americanos (KROLOKKE; SORENSON, 2005, p. 6). Ambos os segmentos tinham como base a crença em equidade, mas esse segundo era mais focado nas mulheres de classe operária e no envolvimento na luta de classes e na revolução socialista (KROLOKKE; SORENSON, 2005, p. 6). Mulheres como Rosa Luxemburgo (1871-1919), na Alemanha, e Alexandra Kollontai (1872-1952), na Rússia, iniciaram essa onda paralela e abriram as portas para a segunda onda feminista. (KROLOKKE; SORENSON, 2005, p. 7)

²⁵ Charlotte Krolokke e Anne Sorenson são autoras do livro *Gender Communication Theories and Analyses* (Teorias e Análises da Comunicação de Gênero), que trata brevemente sobre a história do movimento feminista e teorias da comunicação de gênero.

3.1.5 Alexandra Kollontai

A russa Alexandra Kollontai (1872-1952) tomou decisões ao longo de sua vida que não eram comuns à época e causaram certo choque. Apesar de ser de família nobre, abandonou o marido e seu filho de menos de dois anos para se dedicar à militância e estudar economia na Universidade de Zurique. Esteve envolvida na militância socialista desde cedo e sua luta a favor da igualdade entre gêneros era motivada, principalmente, pela luta pela igualdade de classes. Sua vida política, entretanto, “carrega muitas contradições”, como afirma Silva em sua dissertação de mestrado: “Kollontai foi menchevique, bolchevique, participou da Oposição Operária, sendo uma de seus principais porta-vozes contra a perda da democracia e burocratização e, no entanto, apoiou publicamente o regime de Stalin” (SILVA, 2018, p. 84).

Em relação à questão da mulher, Kollontai participava ativamente do feminismo socialista, como o denominam Krolokke e Sorenson – movimento paralelo ao que era chamado de “feminismo burguês”. No ano de 1909, Kollontai publica *Os Fundamentos Sociais da Questão Feminina*²⁶, no qual analisa a condição feminina e propõe modos de como os socialistas deveriam tratar o assunto. Os principais temas abordados na obra, de acordo com Danielle da Silva, são "a luta das mulheres por independência econômica, direitos políticos, questões sobre o casamento e a família, políticas de proteção às mães trabalhadores, o aumento da porcentagem feminina da força de trabalho, prostituição, etc. [...]" (KROLOKKE; SORENSON,, p. 90), além de expor detalhadamente o feminismo burguês, avaliando a falta de questionamento sobre a sociedade de classes.

Outra obra de Kollontai que é digna de menção é *A Nova Mulher e a Moral Sexual* (1918), a qual teve grande repercussão, recebendo críticas tanto da opinião pública como dos próprios companheiros e companheiras de partido. Na obra mencionada, Kollontai revê antigas virtudes femininas e levanta a discussão sobre um tipo de “nova mulher” que surge com o capitalismo: trabalhadora, não submissa e firme.

3.1.6 Minna Cauer

No território alemão, podemos mencionar um nome importante que contribuiu para o proto-feminismo e a primeira onda feminista, como Minna Cauer (1841-1922), jornalista e pedagoga. Como ativista, foi uma das mulheres que mais teve evidência na esfera radical do

²⁶ Excertos traduzidos para o português disponível em:

<<https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1907/mes/fundamentos.htm>>. Acesso em 5 de dezembro de 2022.

movimento feminista, fundadora da *Frauenwohl* (Bem-estar da mulher), associação iniciada em 1888 que se tornou porta-voz do lado radical do movimento feminista burguês. Cinco anos após a fundação e a conquista da autonomia da associação, o periódico de mesmo nome foi fundado e começou a publicar artigos. A edição comemorativa do aniversário de vinte e cinco anos da associação foi publicada com uma epígrafe de Hedwig Dohm na capa: “Mostrem que vocês são capazes de uma devoção entusiasmada, despertem, pelo seu fazer e pelo seu trabalho a consciência da humanidade”²⁷ (DOHM apud FRAUENWOHL, 1918, tradução minha). Em 1895, Minna Cauer fundou o jornal *Die Frauenbewegung* (O movimento feminista), que permaneceu em circulação por vinte e quatro anos e proporcionou a publicação de diversos artigos e ensaios de mulheres a favor da corrente feminista sobre temas variados.

3.1.7 Rosa Luxemburgo

Rosa Luxemburgo (1871-1919) (já citada anteriormente) foi de grande importância para o movimento a favor do direito das mulheres. Nascida na Polônia, doutora em economia política e membro do SPD, sempre foi militante do movimento socialista, tanto alemão quanto polonês, e foi a única mulher da época que atuou como professora na escola do SPD, onde trabalhou por sete anos. A partir dessa experiência, publicou duas obras sobre economia política: *A acumulação do capital* (1913) e *Introdução à economia política* (1925). Foi presa duas vezes por causa de suas atividades contra a Primeira Guerra e, a partir disso, escreveu artigos, notas críticas e publicou uma obra em 1916 chamada *A crise da social-democracia*. Participou da fundação do Partido Comunista Alemão (KPD) no final de 1918, quando foi presa novamente. No ano seguinte, aos 47 anos de idade, foi brutalmente assassinada por soldados de uma milícia que reprimia os revolucionários. Seu corpo foi atirado no canal Landwehr, em Berlim, e só foi encontrado por volta de quatro meses após a sua morte. O portal online FemBio, reservado à biografias de mulheres que marcaram a história, atribui uma fala a Hedwig Pringsheim-Dohm, filha de Hedwig Dohm, sobre a própria mãe: “Uma de suas últimas grandes dores foi o assassinato hediondo da Rosa Luxemburgo. Ela chorou muito e por muito tempo” (tradução minha)²⁸.

²⁷ No original: “Zeigt, daß ihr einer begeisterten Hingebung fähig seid, erweckt durch euer Tun und euer Werk die Gewissen der Menschheit.” (DOHM, 1918)

²⁸ “Einer ihrer letzten großen Schmerzen war die scheußliche Ermordung Rosa Luxemburgs. Sie hat lange und bitterlich darüber geweint.” (FemBio, 2022, disponível em: <<https://www.fembio.org/biographie.php/frau/biographie/hedwig-dohm/>>).

3.1.8 Emma Ihrer

Outra mulher que podemos mencionar no contexto do feminismo alemão é Emma Ihrer (1857-1911), que fundou, no ano de 1885, a Associação para a Representação dos Interesses das Trabalhadoras.²⁹ Emma, juntamente com Clara Zetkin, foi uma das poucas mulheres alemãs a participar do Congresso Internacional de Trabalhadores em Paris, no ano de 1889. No final do ano seguinte, Emma Ihrer publicou a primeira edição do jornal *Arbeiterin* (Trabalhadora), mas não conseguiu mantê-lo, e, cerca de dois anos depois, o periódico foi renomeado para *Die Gleichheit* (A Igualdade), sob direção de Clara Zetkin. Vinculado ao SPD, tinha como temática o movimento operário e a luta socialista, o sufrágio feminino e o direito das mulheres à educação. Dentre as diversas escritoras que trabalharam e contribuíram com ensaios e artigos, podemos citar Alexandra Kollontai, Emma Ihrer e Lily Braun. O jornal foi um sucesso, tendo, até 1910, uma quantidade de assinantes maior do que a quantidade de filiados ao partido (BADIA, 2003, p. 66 apud SILVA, 2018, p. 27).

3.1.9 Clara Zetkin

A redatora-chefe do *Die Gleichheit* (A Igualdade), Clara Zetkin (1857-1933), passou a maior parte da vida envolvida na militância socialista e a favor dos direitos das mulheres, o que fez com que ela tivesse grande contato com diversas personalidades da época. Era membro do SPD, e posteriormente, no ano de 1920, ocuparia o cargo de deputada do KPD no Congresso da República de Weimar. Foi exilada do país duas vezes. Na primeira, por volta da década de 1880, permaneceu na Suíça e na França, enquanto o governo de Bismarck ainda proibia movimentos socialistas. A próxima ocorreu apenas em 1933, após a ascensão do nazismo, quando permaneceu na Rússia e faleceu algumas semanas depois.

Clara Zetkin fazia questão de diferenciar operárias e burguesas, sabendo distinguir as questões da mulher e as questões das operárias. Com isso, ela escrevia, principalmente, para um público alvo específico: as mulheres trabalhadoras, pois, como esclarece Badia (2003):

Para a operária – a proletária, para utilizar o vocabulário da época – a questão feminina é apenas um aspecto da questão social. [...] A situação das mulheres burguesas é diferente. Não são submetidas pelo capital, mas mantidas numa situação de inferioridade jurídica pelos homens, que temem sua concorrência profissional. Daí seu combate pela igualdade de direitos públicos e privados. Combate legítimo, aos olhos de Clara, mas que, para as proletárias, é totalmente secundário. As feministas burguesas reivindicam a possibilidade de acesso ao estudo superior... ora, as proletárias não têm nenhuma chance de adquirir uma formação universitária. Sua

²⁹ *Verein zur Vertretung der Interessen der Arbeiterinnen.*

independência econômica já foi conquistada por seu trabalho: nesse plano, a proletária é igual ao homem. (BADIA, 2003, p. 47-48)

A partir de 1890, as leis antissocialistas do chanceler Bismarck foram abolidas e o SPD voltou às suas atividades legais e foi aí, então, que a adesão das mulheres aos congressos anuais do partido foi permitida. Além disso, as condições precárias de trabalho das operárias e sua falta de acesso à formação educacional dificultava a propagação do movimento feminista entre elas. Segundo Badia (2003), foram criadas, então, associações para trabalhadoras, nas quais haviam debates sobre diversos temas – astronomia, casamento e divórcio, escravidão, o movimento operário, entre outros – a fim de instruir as trabalhadoras. Embora não abordassem temas políticos, o que ainda era proibido na época, vários círculos foram dissolvidos pela polícia, porém, sempre surgiam novamente, como Badia apresenta: “Em 1907, existiam no *Reich* noventa e quatro dessas *Frauenbildungsvereine* [círculo de formação das trabalhadoras], com 10.302 membros” (BADIA, 2003, p. 57).

Dentre as inúmeras conquistas das mulheres citadas anteriormente, é importante ressaltar que, durante a Segunda Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, realizada no ano de 1910 na Dinamarca, Clara Zetkin propôs, juntamente com Alexandra Kollontai e Rosa Luxemburg, a criação de manifestações anuais, paralisando as fábricas para colocar em evidência as demandas feministas. A proposta foi aprovada e foi celebrado, então, o primeiro Dia Internacional da Mulher.

3.2 As publicações de Hedwig Dohm

As obras de Hedwig Dohm foram, sem dúvidas, um grande marco para a história do feminismo, pois a autora se tornou uma das principais teóricas radicais do século XIX. Como escreve Nevin (2015), ela é vista como uma precursora do movimento feminista por defender a ideia inovadora de que gênero é uma construção social, argumento que foi popularizado apenas décadas depois, durante a segunda onda do feminismo. Além disso, a feminilidade é colocada em pauta quando Dohm questiona o significado de ser uma “verdadeira mulher”³⁰, de forma similar à questão que Judith Butler levanta sobre o que é ser uma “mulher natural”³¹ (NEVIN, 2015, p. 177).

Assim como já foi mencionado, no círculo de mulheres que lutavam a favor dos direitos femininos, Dohm era considerada radical. Para alguns leitores, suas obras eram “[...] preocupantemente não femininas, tendo em vista que Dohm desafia características

³⁰ “*ein echtes, ein wahres Weib*” (NEVIN, 2015, p. 177)

³¹ “*natural woman*” (*Ibid.*)

tradicionalmente femininas ao ser científica em suas análises, agressiva em seus ataques e imodesta em suas expectativas” (NEVIN, 2015, p. 180, tradução minha)³².

Apesar dos ensaios e artigos de cunho feminista, Hedwig Dohm também escreveu peças, novelas e romances. É válido mencionar, então, uma trilogia de romances que, apesar de não terem sido lançados em ordem cronológica, a própria autora classifica-os como uma representação de três gerações de mulheres do século XIX. O primeiro romance, *Schicksale einer Seele* (1899) (Destinos de uma alma), relata a vida de uma mulher que estaria por volta dos sessenta anos, abordando a subjetividade de sua alma. *Sibilla Dalmar* (1897), apesar de ter sido publicado dois anos antes, é o segundo livro da trilogia, onde é exposta a vida difícil de uma mulher por volta dos quarenta anos. Por fim, *Anne Marie Rubens* (1899) é dedicado ao desabrochar da geração mais nova. No prefácio do primeiro livro, a autora escreve que “todos os três romances servem para a ilustração do ditado de Píndaro: ‘torna-te quem tu és’.” (DOHM, 1899, p. 3)³³

A seguir, serão apresentadas algumas das primeiras obras feministas de Hedwig Dohm.

3.2.1 Was die Pastoren von der Frauen denken (O que os pastores pensam das mulheres)

Publicado em Berlim no ano de 1872 pela editora Reinhold Schlingmann, *O que os pastores pensam das mulheres* é a primeira obra de cunho feminista de Hedwig Dohm. A obra tem por volta de cinquenta páginas e é, na verdade, uma querela ao livro *zur Frauenfrage* (Da questão das mulheres), escrito e publicado no ano anterior. Os autores são o teólogo protestante Philipp von Nathusius-Ludom, também editor do jornal do Partido Conservador, e o professor de teologia da Universidade de Königsberg, Jacobi. Não foi possível encontrar informações acerca desse livro e muito menos do segundo autor, o professor Jacobi, embora Hedwig Dohm também o mencione no decorrer do texto. Apesar disso, pode-se perceber o cunho conservador e machista da obra ao ler o artigo-resposta de Hedwig Dohm, que foi uma de suas primeiras publicações feministas e pode ser encontrada atualmente no site do *Projekt Gutenberg*³⁴.

³² “[...] worryingly unfeminine, for Dohm defies traditionally feminine characteristics by being scientific in her analysis, aggressive in her attacks and immodest in her expectations.” (Ibid., p. 180)

³³ “Alle drei Romane dienen der Illustration des Pindar’schen Spruches: ‘Werde, die du bist.’” (DOHM, 1899, p. 3)

³⁴ Disponível em: <<https://www.projekt-gutenberg.org/dohm/pastoren/pastoren.html>>.

Com um tom bem direto e explícito, a autora escolhe contestar apenas alguns argumentos, pois a obra do “servidor de Deus”, como ela mesma chama Nathusius, possui 150 páginas. Trechos são selecionados e copiados para o texto de Dohm, os quais ela responde logo abaixo e cita o próprio autor, muitas vezes falando diretamente com ele. Um exemplo é o trecho no qual o teólogo afirma que o lar é o mundo das mulheres e Dohm rebate:

“O lar é o mundo da mulher! O ofício e o propósito de vida das mulheres sucumbe, de uma vez por todas, ao ordenamento da natureza e mandamento divino, fixos e eternos, e não podem titubear ou renunciar!”

Senhor von Nathusius, como a maioria dos pensadores por quem tem afinidade, confunde tradição resistente ou condições históricas com a lei da natureza.

Explorar as leis da natureza é permitido apenas às mentes mais penetrantes, aos gênios mais extraordinários. Um Newton, um Copérnico descobriram as leis da natureza da nossa Terra. Mas quem, até agora, explorou tanto as leis da natureza do espírito humano para construir uma eterna organização mundial sobre isso? O senhor, talvez, senhor von Nathusius? (DOHM, 1872, tradução minha)³⁵

3.2.2 *Der Jesuitismus im Hausstande* (O jesuitismo na condição doméstica)

O jesuitismo na condição doméstica (1873) conta com pouco mais de duzentas páginas e, até o momento, só foi possível encontrar gratuitamente um arquivo em pdf cuja edição digitalizada apresente texto original no alfabeto gótico, o que dificulta a leitura da obra. Ainda assim, foi possível encontrar um trecho da obra no recurso “Livros” do Google, disponibilizado online, transcrito para o alfabeto latino, ainda que o texto não esteja editado e formatado.

Além disso, também não foi possível achar nenhum tipo de resumo da obra. A informação mais relevante encontrada foi sobre uma crítica publicada no mesmo ano no jornal *Frauen-Anwalt* (Defensora das mulheres) por Jenny Hirsch, ativista, escritora, redatora e tradutora, que acusava Dohm de um progressismo subversivo, que incorria em uma distorção das normas femininas de um modo muito radical (NEVIN, 2015, p. 179). Hirsch argumenta contra o ensaio de Dohm ao dizer que ela dispõe de uma determinação irresponsável,

³⁵ “*Das Haus ist die Welt der Frau! Beruf und Lebensaufgabe der Frauen ruhen ein für allemal in festen, ewigen Ordnungen der Natur und des göttlichen Gebots und können nicht wanken und weichen!*”
Herr von Nathusius, wie die meisten ihm wahlverwandten Denker, verwechselt beständig Sitte oder historische Zustände und Naturgesetz.

Naturgesetze zu ergründen ist nur den tiefsten Geistern, den erhabensten Genien gegeben. Ein Newton, ein Kopernikus haben Naturgesetze unserer Erde gefunden. Wer aber hat bis jetzt die Naturgesetze des Menschengestes so ergründet, um eine ewige Weltordnung darauf zu bauen? Sie vielleicht, Herr von Nathusius?” (DOHM, 1872, disponível em: <<https://www.projekt-gutenberg.org/dohm/pastoren/pastoren.html>>)

promove uma luta agressiva pelo sufrágio feminino e falta com o respeito pelas pequenas contribuições das mulheres que tentaram promover uma abordagem em defesa de melhorias na educação das mulheres.

Com isso, apesar da escassez de material, consegui traduzir um pequeno parágrafo da obra de Dohm para que possamos ter uma breve noção do tipo de radicalismo que Jenny Hirsch imputava a autora:

Eu sou da crença de que gêneros futuros vão olhar para nossos costumes como olham para povos primitivos; eu sou da crença de que a história verdadeira da humanidade só começa quando o último escravo for liberto, quando o privilégio dos homens em relação ao conhecimento e ao ganha-pão for eliminado, quando as mulheres pararem de ser uma classe de humanos subjugados, as amarras de uma ligam todas – só então começa o desenvolvimento livre da humanidade, aquele desenvolvimento cujo objetivo do ser humano é ser um retrato de Deus. (DOHM, 1873, p. 7, tradução minha)³⁶

3.2.3 *Die wissenschaftliche Emancipation der Frau* (A emancipação científica da mulher)

A emancipação científica da mulher, publicado em 1874 pela editora berlinense Wedekind & Schwieger, possui noventa e cinco páginas e aborda a atuação das mulheres dentro do mundo universitário e intelectual como um todo.

A obra é dividida em três capítulos não numerados, sendo eles: *Ob Frauen studiren³⁷ dürfen? Ob es ihnen erlaubt war und erlaubt ist?* (Se as mulheres podem estudar? Se a elas era permitido e é permitido?), *Ob Frauen studiren können? (Im Sinne ihrer Befähigung)* (Se as mulheres podem estudar? No sentido de sua capacidade) e *Ob Frauen studiren sollen* (Se as mulheres devem estudar).

Como a própria autora relata na introdução de *A emancipação científica da mulher*, sua obra anterior (*O jesuitismo na condição doméstica*) apareceu em um jornal de Leipzig, o *Leipziger Tageblatt*, com um excerto que Dohm atribui à fala de um jornalista de sobrenome Wistling:

“No anexo, a obra defende o direito das mulheres ao voto. Desde os dias em que uma drástica peça popular sobre ladrões percorreu os palcos da Alemanha tendo uma

³⁶ *Ich bin des Glaubens, daß zukünftige Geschlechter auf unsere Sitten wie auf die von Urvölkern blicken werden; ich bin des Glaubens, daß die eigentliche Geschichte der Menschheit erst beginnt, wenn der letzte Sklave befreit ist, wenn das Privilegium der Männer auf Bildung und Erwerb abgeschafft, wenn die Frauen aufhören, eine unterworfenen Menschenklasse zu sein die Fesseln der Einen binden Alle — dann erst beginnt die freie Entwicklung der Menschheit, jene Entwicklung, deren Ziel der Mensch ist ein Ebenbild Gottes.* (DOHM, 1873, p. 7)

³⁷ O verbo *studieren* é escrito dessa forma e é possível supor que era o padrão ortográfico da época, pois há diversas ocorrências que formam padrões, como certas palavras que usavam a letra *h* depois da letra *t*, em *Thatsachen*, por exemplo, ou a falta do trema em *Uebersetzung*, a utilização do *Scharfes S* (ß) em palavras que atualmente são escritas com *ss*, etc. Além disso, a autora também faz citações em inglês e francês no decorrer do livro, mas não as traduz.

Hedwig como heroína, nenhuma outra pessoa com esse nome veio a público com tal furor como a nossa panfletista berlinense.” (DOHM, 1874, p. 3, tradução minha)³⁸

A seguir do texto, Hedwig rebate essa crítica de forma satírica, esclarecendo que o jornalista sabe que no Parlamento inglês o direito feminino ao voto ganha força com o passar dos anos, até mesmo entre partidos conservadores, e que o primeiro-ministro britânico da época, William Gladstone, apoiava essa grande reforma. Além disso, a autora também pontua que, em alguns estados da América do Norte, o sufrágio feminino já tinha sido conquistado, além de alguns grandes partidos republicanos já terem acolhido a pauta em seus programas. Também zomba ao questionar se um jornalista alemão já não deveria ter ouvido falar do filósofo e economista britânico John Stuart Mill, falecido no ano anterior, que defendia a igualdade dos direitos políticos para as mulheres.

3.2.4 *Der Frauen Natur und Recht* (Natureza e direito das mulheres)

O nome completo da obra é *Der Frauen Natur und Recht. Zur Frauenfrage zwei Abhandlungen über Eigenschaften und Stimmrecht der Frauen* (Natureza e direito das mulheres – Dois ensaios à questão das mulheres: sobre as características das mulheres e seu direito ao voto), publicada em 1876 pela mesma editora do livro anterior.

Dividido em duas partes, a autora aborda as características femininas e o direito ao sufrágio como principais temas do livro. A primeira parte retrata a estima da mulher pela visão do homem através de vários exemplos, colocando cinco questionamentos em pauta e respondendo-os no decorrer do livro. (NEVIN, 2015, p. 178) Já na segunda parte, os motivos e argumentos dos homens a respeito do direito ao voto são abordados com o estilo único de Hedwig, irônico e até mesmo um pouco descontraído. A obra é finalizada com a famosa frase da autora: “Os direitos humanos não têm gênero.” (DOHM, 1876, p. 95, tradução minha).³⁹

3.2.5 *Die Antifeministen. Ein Buch der Verteidigung* (Os Antifeministas: Um livro de defesa)

O livro *Die Antifeministen. Ein Buch der Verteidigung* (Os Antifeministas: Um livro de defesa) foi publicado no ano de 1902 pelo editor Ferdinand Dümmler e é constituído por cinco artigos, lançados nos cinco anos anteriores por diversos jornais – um deles, inclusive,

³⁸ “*Im Anhang tritt die Schrift ein für das Stimmrecht der Frauen. Seit den Tagen, wo ein volksthümlich drastisches Räuberstück über Deutschlands Bühnen ging, das eine Hedwig zur Heldin hatte, dürfte keine Trägerin dieses Namens mit solchem Eclat in die Öffentlichkeit getreten sein, wie unsere Berliner Pamphletistin.*” (DOHM, 1874, p. 3)

³⁹ “*Die Menschenrechte haben kein Geschlecht*”. (DOHM, 1876, p. 95)

pelo jornal *Die Frauenbewegung* (O Movimento Feminista). Já no segundo parágrafo da introdução, a autora, que tinha na época por volta de setenta anos, escreve “É um livro de defesa, não de ataque” (DOHM, 1902, p. 4, tradução minha).⁴⁰

Além da introdução e do primeiro capítulo (*Vier Kategorien der Antifeministen*, traduzido no presente trabalho), a obra conta com mais quatro ensaios: *Zwei Altgläubigen* (Dois defensores de antigas crenças), dividido em dois subcapítulos: *Ein Amazonentöter* (Um assassino de amazonas) e *Nietzsche und die Frauen* (Nietzsche e as mulheres); *Drei Ärzte als Ritter der mater dolorosa* (Três médicos como cavaleiros de Nossa Senhora); *Weib contra Weib* (Mulher contra mulher); *Von der alten und der neuen Ehe* (Sobre o antigo e o novo casamento).

No primeiro capítulo, Dohm cita um grupo chamado “cavaleiros de Nossa Senhora”, que trava forte relação com a religião e utiliza-se dela para a argumentação antifeminista. A partir daí, a autora explica que escolherá “um representante distinto” para ilustrar esse grupo de antifeministas. Ao refletir sobre qual representante distinto ela escolheria, pode-se cogitar Nietzsche, pois a autora destina um capítulo inteiro somente para ele. O capítulo do livro destinado a tratar sobre esse grupo específico, entretanto, contempla três tipos de médicos que pertencem a essa classificação.

O livro aborda, também, a imagem feminina, como os homens constroem tal figura e como as mulheres a seguem, literal e figurativamente, além de dedicar um subcapítulo completo para criticar o filósofo Nietzsche, embora a autora elucide na introdução: “eu não me posiciono contra pessoas, mas sim contra ideias [...]” (DOHM, 1912, p. 4, tradução minha)⁴¹. Deste modo, ela defende que as mulheres não devam ser definidas por sua aparência, mas sim pela sua capacidade intelectual (NEVIN, 2015, p. 182).

Foi possível, portanto, traçar um breve panorama histórico com foco no início do movimento feminista na Europa, destacando personalidades que tiveram alguma influência sobre o movimento. Além disso, também conhecemos, mesmo que de forma sucinta, algumas obras de Hedwig Dohm e seu estilo particularmente irônico. O capítulo a seguir apresenta os fundamentos teóricos utilizados no processo de tradução do primeiro capítulo do livro *Os Antifeministas*.

⁴⁰ “*Es ist ein Buch der Verteidigung, nicht des Angriffs.*” (DOHM, 1902, p. 4)

⁴¹ “*Ich wende mich nicht gegen Personen, sondern gegen Ideen [...]*” (DOHM, 1912, p. 4)

4. Fundamentos teóricos

4.1 Da tradução

É de conhecimento geral que a tradução é descrita de muitas formas e pode ser realizada de diferentes maneiras. A tradução é um processo “entre duas diferentes línguas escritas [que] envolve o tradutor alterar um texto escrito original (o texto fonte ou TF) na linguagem verbal original (a língua fonte ou LF) para um texto escrito (texto alvo ou TA) em uma linguagem verbal diferente (língua alvo ou LA).”⁴² (MUNDAY, 2008, p. 5, tradução minha)

A evolução desse processo, porém, é resultado de diferentes abordagens teóricas que vêm sendo desenvolvidas e utilizadas pelos tradutores com a intenção de lapidar a prática cada vez mais e, finalmente, chegar a uma boa tradução. No entanto, é discutível, também, o que exatamente seria classificado como uma boa tradução, afinal, cada texto e cada língua tem suas particularidades e, portanto, surgiram diferentes métodos e abordagens. Diante de tantos autores, diferentes teorias e princípios utilizados, a abordagem principal utilizada neste trabalho é a chamada abordagem funcionalista.

Munday (2008) apresenta brevemente o funcionalismo após elucidar que seu início se deu a partir das décadas de 1970 e 1980, quando esse período “viu um afastamento das alterações de tipologias linguísticas de tradução, e o aparecimento e desenvolvimento na Alemanha de uma abordagem funcionalista e comunicativa para a análise de tradução.”⁴³ (p. 114, tradução minha) De acordo com Munday, a obra de Katharina Reiss da década de 1970 constrói o conceito de equivalência preocupando-se com o texto por inteiro, ao invés de referir-se a apenas uma palavra ou frase, buscando um nível de comunicação com o leitor. A autora incluiu, ainda, uma nova categoria em seu modelo de crítica de tradução que leva em consideração as ocasiões em que o texto alvo exerce um propósito diferente do texto fonte. Nord elucidada que, posteriormente, Reiss, em um trabalho conjunto com Hans Vermeer (1984), definiu a *Skopostheorie*, uma teoria geral da tradução que tinha como componente principal “[...] uma regra geral [de] que o propósito do TA (texto alvo) é que deve determinar os métodos e as estratégias de tradução, e não a função do TF (texto fonte)” (NORD, 2016, p. 22). Assim,

⁴² No original: “[...] *between two different written languages involves the translator changing an original written text (the source text or ST) in the original verbal language (the source language or SL) into a written text (the target text or TT) in a different verbal language (the target language or TL).*” (MUNDAY, 2008, p. 5)

⁴³ No original: “[...] *saw a move away from linguistic typologies of translation shifts, and the emergence and flourishing in Germany of a functionalist and communicative approach to the analysis of translation.*” (Ibid., p. 114)

Os teóricos funcionalistas concebem a tradução como uma *ação* realizada por uma pessoa que tem uma meta de comunicação específica, a que Reiss e Vermeer se referem como o *Skopos* do texto [...]. Sendo o nível de propriedade da forma de comunicação sempre relacionado à realização da meta pretendida, a cultura-alvo adquire importância crucial. (GENTZLER, 2001, p. 100 apud HESPANHOL, 2021, p. 52)

De acordo com essa abordagem, é realizada, então, uma análise do TF baseada em um modelo que justifique as ações e escolhas tomadas pelo tradutor, afinal, é necessário que o TA seja adequado e coerente para a época e cultura a qual será destinado – e, muitas vezes, diferente da época do TF. Alguns pontos principais são levados em consideração durante o processo de análise textual, como, por exemplo, o público ao qual é destinado o texto fonte, pois “as características linguísticas e estilísticas do TF podem ter sido escolhidas de acordo com o que o produtor do texto considera que eles esperem” (NORD, 2016, p. 24). Entretanto, deve-se analisar dessa forma não apenas o TF, mas também as condições de produção do TA, pois, ao ter conhecimento sobre o público e suas expectativas, seu contexto sociocultural, etc, é possível definir um propósito satisfatório para o TA e tornar mais precisas as decisões tomadas pelo tradutor.

Além disso, também deve-se ter em vista o propósito do TA, que deve, então, “satisfazer determinados requisitos, os quais são os encargos de tradução” (NORD, 2016, p. 28). Tais encargos, ou instruções de tradução, são a bússola que norteia o tradutor para a situação alvo, ou seja, para o *skopos* do texto alvo, a função pretendida.

Além dos encargos de tradução definidos, também é necessário pensar no conceito de fidelidade do TA em relação ao TF e, além disso, também é importante levar em conta certas questões extratextuais que podem afetar a compreensão da leitura do TA. Nord expõe que:

O ponto de partida para a tradução nessa teoria é, também, um texto (como parte de um “contínuo de mundos”, segundo Vermeer) escrito na língua F (= LF) que tem que ser traduzido em uma língua A (= LA), de tal forma que passe a fazer parte de um contínuo de mundos que possa ser interpretado pelo receptor como “coerente com a sua situação”. A relação entre os textos fonte e alvo pode ser supostamente descrita usando-se o termo “coerência” (em Vermeer, coerência intratextual = fidelidade). A exigência de fidelidade, no entanto, é subordinada à regra do *skopos*. Se o *skopos* exige uma mudança de função, o critério exigido já não é a coerência intratextual com o texto fonte, mas passa a ser a adequação ou a apropriação em relação ao *skopos*. (REISS; VERMEER, 1984 apud NORD, 2016, p. 54)

Ou seja, a partir de certas adaptações necessárias para que o TA seja fiel ao TF, também é de extrema importância considerar o tipo de leitor que receberá o TA, para que o texto seja coerente a ponto de não criar obstáculos à compreensão, pois “mesmo se o receptor do TA for a imagem do receptor do TF (no que se refere a sexo, idade, educação, entorno social etc.), haveria uma diferença, a saber, que é: eles estão vinculados a comunidades

linguístico-culturais distintas.” (NORD, 2016, p. 55) Pode ser necessário que a função do TA em comparação à função do TF seja alterada.

Mas, afinal, como é realizado o processo de tradução na prática?

Nord defende o modelo circular de tradução como a melhor representação do processo tradutório, pois, segundo a autora, este processo não é

“[...] linear e progressivo que vai de um ponto de partida F (= TF) a um ponto de chegada A (= TA), mas, sim, basicamente, um processo circular e recursivo que inclui um número indeterminado de retroalimentações e em que é possível, e até mesmo aconselhável, voltar a fases anteriores da análise.” (NORD, 2016, p. 65)

Deste modo, a autora explica que, a cada vez que o tradutor avança na tradução, ele revisita o que já foi analisado a fim de corrigir ou confirmar decisões tomadas no TA ou novos aspectos, sempre levando o *skopos* em consideração.

Tendo isso em mente, Nord (2016) propõe que a análise do TF seja dividida em duas partes: fatores externos ao texto (extratextuais) e fatores internos ao texto (intratextuais). Essa análise consiste em uma série de perguntas, chamada “Fórmula Q”, que o tradutor deve responder para orientar-se a construir o *skopos* do TA. Embora as perguntas sejam divididas em extra e intratextuais, a autora ainda explica que “dependendo da sua relação com a situação comunicativa ou com o próprio texto, essas questões podem ser atribuídas aos fatores de análise extratextuais ou intratextuais.” (NORD, 2016, p. 74) Apresento aqui a tabela de análise do texto de Christiane Nord.

Figura 1 – “Fórmula Q”

| | |
|---|---|
| Quem transmite Para quê Para quem Por qual meio Em qual lugar Quando Por quê Com qual função | Sobre qual assunto ele diz O quê (o que não) Em qual ordem Usando quais elementos não verbais Com quais palavras Em quais orações Com qual tom |
| Com qual efeito? | |

Fonte: NORD (2016, p. 74)

A coluna da esquerda refere-se a fatores externos ao texto, ou seja, espera-se que o tradutor responda e analise informações sobre o autor do texto, sua intenção, o público-alvo, por onde o texto foi veiculado, onde, quando e por quê foi escrito. A última questão: “com

qual função” pode ser respondida a partir de uma síntese das respostas obtidas a partir dos sete questionamentos anteriores.

Na coluna da direita, podemos observar questões referentes aos fatores internos do texto. Evidencia-se aqui o assunto sobre qual o texto comunica, os conteúdos que são explicitados (e também quais permanecem implícitos, ou seja, o que o texto não comunica), em qual ordem esses conteúdos são apresentados no texto, quais elementos não verbais são utilizados, que tipos de palavras são escolhidas, que estruturas sintáticas são usadas e com que tom o texto foi produzido (em tom sério, irônico, engraçado etc). O último questionamento, “com qual efeito?”, “refere-se, portanto, a um conceito global ou holístico, que inclui a interdependência dos fatores extratextuais e intratextuais” (NORD, 2016, p. 74) e será abordado de forma mais aprofundada mais à frente neste mesmo capítulo.

Ao voltarmos para o processo de tradução na prática, há mais coisas para serem consideradas além de estruturar o *skopos* do TA. É importante, também, refletir sobre a posição do tradutor e sua interpretação, que, naturalmente, está longe de ser imparcial, como escreve Luana Freitas (2003), com base em Venuti (1996): “tanto o autor quanto o tradutor têm suas atividades limitadas pelas práticas sociais. As estratégias do tradutor são, na verdade, predeterminadas por aspectos ideológicos, econômicos e históricos externos a ele.” (VENUTI, 1996 apud FREITAS, 2003, p. 57) Assim, pode-se entender a posição do tradutor como um meio entre os dois textos (fonte e alvo), evidenciando o fato do TA ser não apenas um texto traduzido a partir de um outro original, mas sim “[...] uma representação com suas próprias forças locucionárias, ilocucionárias e perlocucionárias que são determinadas pelo fator relevante no contexto receptor.”⁴⁴ (TYMOCZKO, 2014, p. 182, tradução minha) É explícita, então, a importância do cuidado que o tradutor deve ter ao lidar com essa relação do TF e TA, pois o texto passará a existir no contexto receptor – ou seja, na cultura e época do público do TA – por meio de uma representação do TF, e o conteúdo dos enunciados deve, portanto, ser adequado ao original para que as reações da audiência estejam de acordo com o proposto pelo *skopos*.

Por este motivo, a análise proposta por Christiane Nord parece ser acertada para iniciar o processo de tradução, pois, nela, são levados em consideração todos os fatores de produção e recepção dos TF e TA. Sobre a produtividade da teoria funcionalista como base para a tradução de um texto de conteúdo feminista, podemos mencionar Hespagnol:

⁴⁴ No original: “[...] a translator in turn creates a text that is a representation with its own proper locutionary, illocutionary, and perlocutionary forces which are determined by relevant factor in the receptor context.” (TYMOCZKO, 2014, p. 182)

[...] a teoria funcionalista fornece importantes ferramentas para a tradução engajada e feminista, pois dá voz a tradutora ao mesmo tempo em que é orientada pelo texto fonte que é um “instrumento comunicativo para a cultura alvo” (NORD, 2016, p. 33), fruto de análise não linear do texto fonte para o texto traduzido. (HESPANHOL, 2021, p. 54)

Para traduzir Hedwig Dohm, é possível dizer que é pertinente levar em consideração abordagens feministas de tradução. Assim, segundo Camila Hespanhol (2021), autoras e tradutoras se denominaram “feministas” pela primeira vez na década de 1970, no Canadá. Seus trabalhos questionam, de algum modo, os padrões da época ao evidenciar a relevância do papel de tradutor(a) “a partir de sua subjetividade e da ideia de visibilidade, ao mesmo tempo, buscando desconstruir e superar a linguagem convencional, entendida como instrumento misógino.” (WAQUIL, 2021, p. 5) Assim, essas autoras e tradutoras feministas passaram a utilizar formas de acrescentar elementos ao TF,

sobretudo por meio das técnicas denominadas *supplementing* (sobre-tradução), *prefacing and footnoting* (prefácios e notas de rodapé) e *hijacking* (apropriação ou sequestro aéreo). A sobre-tradução é uma forma de compensar as diferenças entre as línguas, se caracterizando, muitas vezes, pelo uso de expressões distintas das do texto fonte, substituindo-a por outras que compensem as diferenças linguísticas [sic]. A adição de prefácios e notas de rodapé é empregada para aprofundar ou explicar ideias desenvolvidas no texto ou mesmo para demarcar a posição política de quem traduz. Já a estratégia denominada “sequestro aéreo” funciona como meio para que a tradutora interfira no texto, dando visibilidade e voz ao feminino. (VON FLOTOW, 1991 apud HESPANHOL, 2021, p. 35-36)

Partindo do pressuposto de que “as intenções de uma tradução nunca podem ser entendidas isoladamente, mas sempre em relação à estrutura social, política ou intelectual” e que “[...] a tradução é em si mesma um ato intensamente relacional, que estabelece conexões entre texto e cultura” (SIMON, 1996, apud COSTA; AMORIM, 2019, p. 1230), é evidente que eu, na posição de tradutora, tenho como intenção reavivar as ideias de Dohm para a nossa época a fim de trazer reflexões, pois, por sua inteligência à frente do seu tempo, seus escritos poderiam ter sido produzidos hoje, e, ainda assim, haveria pouquíssimo estranhamento. As recriações que foram produzidas se baseiam, principalmente, na técnica de sobre-tradução para compensar as diferenças linguísticas.

É necessário, então, para um TA satisfatório, levar em conta “[...] quais recriações serão aceitas dentro do contexto histórico-cultural no qual cada leitura e, conseqüentemente, cada tradução, se insere.” (COSTA; AMORIM, 2019, p. 1230) Ao pensar nessas recriações, podemos relacionar com a questão do efeito que o autor e o tradutor desejam causar no leitor, afinal, o efeito causado é resultado do processo de comunicação. Nord defende, como já foi mencionado anteriormente, que essa categoria não é exclusivamente interna ou externa ao texto, pois é voltada ao receptor, então os leitores confrontam os fatores intratextuais com

suas expectativas, que foram construídas fundamentadas nos fatores extratextuais e resultaram “em uma impressão consciente, inconsciente ou subconsciente que pode ser chamada de ‘efeito’” (NORD, 2016, p. 228). Além disso, Nord também levanta a questão do efeito imediato da recepção (a leitura pode causar raiva, tristeza, riso) e as consequências de médio e longo prazo – alguma ação tomada pelo leitor pouco tempo após a recepção do texto ou, então, uma mudança no comportamento e modo de vida, respectivamente.

Apesar disso, a autora ainda argumenta que: “Um texto só pode exercer um efeito se o público é suscetível de ser influenciado no decorrer e através do processo de comunicação. Os receptores devem ser impressionáveis, além de capazes de tomar decisões e de ser motivados para a ação.” (NORD, 2016, p. 229) Para atingir tal efeito no público, é necessário utilizar-se de certas estratégias para convencer o leitor ou para, pelo menos, levá-lo à reflexão. Para exemplificar, embora este assunto seja tratado de forma mais aprofundada no próximo capítulo, a ironia e o humor são estratégias utilizadas por Dohm para causar um efeito específico no leitor. Segundo Nord, é o tradutor que deve perceber o efeito do TF e prever o efeito do TA a fim de escolher os elementos da tradução: “O tradutor deve antecipar o efeito que o TA produzirá no público alvo, não importa que esse efeito, sempre definido pelo *skopos* da tradução, seja o mesmo que o TF exerce (ou exercia) sobre o receptor na cultura fonte ou não.” (NORD, 2016, p. 230)

Outra questão importante referente à análise do TF é o léxico, ou seja, quais tipos de palavras são utilizadas para a construção do texto. Nord (2016) afirma que: “As características semânticas e estilísticas do léxico (tais como conotações, campos semânticos, registro), por exemplo, podem apontar para dimensões de conteúdo, assunto e pressuposições [...]”. Ela afirma: “A seleção dos itens lexicais é determinada, em grande parte, pelas dimensões de assunto e conteúdo.” (NORD, 2016, p. 197) Ainda em relação a esta questão, a autora continua: “O meio influencia especialmente o nível de estilo dos elementos lexicais (coloquial, formal), a formação de palavras (por exemplo, abreviaturas ou acrônimos, como os utilizados em mensagens de celular) e expressões dêiticas”. (NORD, 2016, p. 204)

Não só o meio influencia os itens lexicais selecionados para o texto, mas também a época e a cultura nas quais o autor e a obra estão inseridos, ou seja, pode haver elementos dêiticos que precisam ser levados em consideração (“hoje”, por exemplo, faz referência ao momento do emissor do texto e não do receptor, e tal ocorrência pode, portanto, interferir na compreensão caso não seja adaptada). Com isso, é de extrema importância que o tradutor tenha bem definido “se o *skopos* requer uma tradução ‘sincrônica’ ou uma tradução ‘atualizada’”. (NORD, 2016, p. 206)

Assim, a ocorrência de vários itens lexicais pode expressar a marca estilística do texto por completo, como é o caso, por exemplo, das metáforas, que são amplamente utilizadas por Hedwig Dohm. Esse fator implica na intencionalidade semântica do autor, a que Nord se refere, pois a autora certamente definiu essas seleções com base no efeito que gostaria que seu texto causasse ao leitor.

Outra questão presente na Fórmula Q descrita por Nord são as pressuposições, cuja importância é tão grande que é garantido que “[...] a comunicação somente pode ter sucesso se o falante e o ouvinte aceitarem, implicitamente, uma quantidade suficiente das mesmas pressuposições”. (NORD, 2016, p. 170) Admite-se, portanto, que certas informações já são conhecidas pelo receptor do texto e, por esse motivo, não são explicitadas. Desse modo, é natural que essas informações sejam frequentemente relacionadas a fenômenos e objetos da cultura do emissor, porém, segundo Nord, “podem se referir não só aos fatores e condições da situação e realidades da cultura fonte, mas também abranger fatos da biografia do autor, [...] ideologia, religião, [...] condições político-culturais de uma época” (NORD, 2016, p. 172), entre outros. E é mais um momento em que a atuação do tradutor é fundamental; é necessário que haja um equilíbrio entre a recriação a ser feita, pois, a depender do *skopos* estabelecido, o efeito e função devem permanecer iguais aos do TF, e a comunicação deve ser bem mediada, não deixando a informação pressuposta totalmente explícita, pois quebraria o estilo do autor e o efeito almejado, mas também não deve deixá-la totalmente velada. Nord esclarece:

O fato de que o enunciado não deve ser nem trivial nem incompreensível, o que é uma das convenções sociais da comunicação, leva o emissor a avaliar a situação, o conhecimento prévio do público e a relevância da informação que será transmitida no texto a fim de decidir quais pressuposições podem ser feitas e quais não. Essa convenção se aplica não só para as relações entre emissor e receptor do TF, mas também para as relações entre o produtor do TA — ou seja: o tradutor — e o receptor da tradução. (NORD, 2016, p. 173)

O TF pode, então, estar “ancorado” no mundo da cultura fonte (CF) e é possível que haja informações pressupostas inseridas nele. Neste caso, o tradutor deve interferir, assumindo o conhecimento prévio geral do público emissor do TA, e achar um meio para que a comunicação tenha êxito – normalmente, expandindo ou reduzindo o texto, de forma a deixar a informação em questão mais explícita ou implícita.

4.2 Da ironia

Este subcapítulo busca definir a ironia como estratégia de argumentação para fundamentar os fenômenos presentes no texto de Hedwig Dohm que serão apresentados no capítulo seguinte.

Embora a ironia ainda seja de difícil definição, Ida Machado (2014) considera a ironia “[...] como um paradoxal meio de comunicação que traz em si mensagens claras para uns, obscuras para outros; inteligentes para uns, agressivas para outros” (p. 109). Lélia Duarte (1994) classifica a ironia como algo que não é “[...] apenas a expressão de termos incompatíveis entre si, mas o resultado de uma atitude crítica, que dará um tom especial a toda a narrativa.” (p. 61) Pode-se perceber, então, que a ironia está intrinsecamente ligada ao tom do texto e ao efeito que é causado no receptor da mensagem.

É natural, portanto, que alguns leitores se sintam incomodados com o texto de Dohm, pois o tom dos enunciados é propositalmente incisivo. Machado esclarece esse fenômeno:

Se de modo geral o humor presente nas trocas languageiras é bem visto e considerado simpático, a ironia tende a ser mal vista e o sujeito-que-ironiza é mais temido que querido por seus interlocutores que, por vezes, não hesitam em lhe colar a etiqueta de pessoa irônica com uma carga axiológica não-positiva. (2014, p. 109)

E para haver uma enunciação irônica bem sucedida, Duarte (1994) defende que ela deve ser proposta e vista como tal, afinal:

[...] não há ironia sem ironista, sendo este aquele que percebe dualidades ou múltiplas possibilidades de sentido e as explora em enunciados irônicos, cujo propósito somente se completa no efeito correspondente, isto é, numa recepção que perceba a duplicidade de sentido e a inversão ou a diferença existente entre a mensagem enviada e a pretendida. (DUARTE, 1994, p. 55)

Machado (2014) explica essa duplicidade de sentido mencionada por Duarte ao esclarecer que o emissor “sustenta o enunciado como um todo” e permite que outras opiniões discordantes entrem, afinal, a ironia permite esse embate de vozes a fim de deixar “pistas mais ou menos evidentes, que revelam seu uso, ao menos para grande parte dos leitores.” (p. 118)

Ao permitir outras vozes entrarem no texto, é natural que haja um conflito entre o que está escrito e o que se quer dizer realmente e, com isso,

O autor literário parece abdicar, assim, de sua posição de autoridade que sabe e pode ensinar, e equilibra o seu (não) saber com a capacidade de percepção do leitor, esse outro considerado então peça fundamental na comunicação e que deve portanto ser conquistado, seduzido, convencido, objetivos para os quais se presta à maravilha a arte de persuasão em que constitui a ironia, no seu aspecto retórico. (DUARTE, 1994, p. 56)

Tendo essa renúncia de posição de autoridade e a persuasão em mente, outra tática para a sedução do leitor é elogiá-lo exageradamente a fim de conquistá-lo e seduzi-lo. Ou, então, a ironia faz o inverso e deprecia o adversário, enquanto valoriza o autor, que toma para si uma posição de superioridade, “cuja autoridade pretende-se reconhecida porque supostamente relaciona-se com a verdade, servindo assim à ratificação ou ao estabelecimento de valores, e, portanto, ao reforço das ideologias.” (DUARTE, 1994, p. 66-67) Com essas estratégias de depreciação ou elogio e manifestações de superioridade ou inferioridade é

perceptível a intenção de conquista ou manutenção de poder. É por esse motivo, então, que a ironia é frequentemente mal vista e irradia um tom agressivo e ácido.

Já o humor age de forma distinta, pois leva essas questões de autoridade e verdade, que são fundamentais para a ironia, à dúvida, visto que: “Ao invés de rir e fazer rir do outro, através do humor o homem mostra-se capaz de rir de si mesmo e daquilo que com ele se relaciona.” (DUARTE, 1994, p. 67) Para o leitor tolerante, algumas passagens serão provocadoras de riso e divertimento, ao invés de serem tidas como ofensivas.

O motivo para a utilização da ironia e de um tom agressivo não é à toa e sem fundamento. Machado defende que a ironia pode surgir inesperadamente e que proporciona autocrítica e contestação nesse “[...] mundo que nos obriga a adotar certos papéis sociais e, em decorrência destes, comportamentos mais ou menos codificados”, e que é um tipo de uso das palavras como arma para enfrentar “os ditos construídos propositalmente para nos desestabilizar”. (MACHADO, 2014, p. 109-110) Assim, para encarar a ironia para além de apenas uma antífrase maliciosa, a autora concorda que:

Ela faz parte ou ajuda a compor um discurso de caráter transgressivo, que abre espaço para o riso, ao romper com as convenções. Mais que isso, ela pode também apresentar críticas amargas às atitudes por demais dogmáticas, aos discursos totalitários, aos gêneros do discurso que se julgam inatacáveis... (MACHADO, 2014, p. 110)

Com isso, Duarte, além de defender que a ironia depende do leitor para que se torne realidade, também elucida a sua atuação como um jogo duplo, pois

[...] ataca e ao mesmo tempo procura reforços; critica e simultaneamente busca apoio para o ponto de vista defendido; se o ironista nega ou defende valores, normas, leis – supostamente a sociedade –, é porque sabe que alguém perceberá e apoiará (ou criticará com ele) a infração das mesmas. (DUARTE, 1994, p. 59)

Assim, reforço esse ponto de vista da ironia como um jogo ao trazer a ideia da verdade (do ironista) como principal objeto. Como já foi apresentado, o ironista coloca-se em posição de autoridade, brincando com a duplicidade em vários âmbitos, muitas vezes fingindo dar razão à oposição e renunciando sua autoridade, e outras vezes depreciando-a e colocando-se como superior. Assim, Machado explica:

O sujeito-irônico prefere – por uma razão ou outra – enunciar algo por meio de uma não-verdade que o protegerá, sem dúvida, das sanções que um enunciado muito agressivo ou direto poderia provocar. Quando inserida na comunicação, a ironia faz parte de um jogo lúdico, jogo de gato e rato – por vezes cruel – entre os sujeitos da comunicação. A partir desse raciocínio acreditamos poder incluí-la no vasto mundo da argumentação. (MACHADO, 2014, p. 117)

Na seção a seguir, farei comentários sobre a tradução para relacionar com a abordagem utilizada e relacionarei trechos do texto de Hedwig Dohm para documentar o uso da ironia como principal estratégia de argumentação.

5. Comentários sobre a tradução

O texto escolhido para o presente trabalho é o primeiro capítulo da coletânea de ensaios de Hedwig Dohm publicada em 1902, *Vier Kategorien der Antifeministen* (Quatro categorias de antifeministas). Logo de início, o primeiro desafio foi designar apenas um texto para a tradução – a introdução foi cogitada, pois traz uma noção geral do que será abordado no livro, porém é muito curta e, com isso, não seria possível aprofundar-se no tema e conhecer a autora. Assim, designei o primeiro capítulo como objeto de estudo deste trabalho, onde Dohm elenca quatro categorias de antifeministas e os descreve.

Como orientação, utilizo a “Fórmula Q” de Christiane Nord para o processo de tradução e respondo aqui as perguntas para a sistematização do *skopos* do texto alvo, enquanto destaco alguns fenômenos recorrentes em seções posteriores, comentando-os de forma mais aprofundada.

Concentro-me, primeiramente, nos fatores externos ao texto fonte, que foram abordados no capítulo anterior (quem transmite, para quê, por qual meio, em qual lugar, quando e por quê). Em resumo, temos, então, Hedwig Dohm, uma escritora berlinense de classe média do fim do século XIX, que publica sua obra em jornais revolucionários a fim de levantar questões feministas em luta pelo movimento.

Uma questão de grande importância: para quem ela transmite? Qual o público-alvo? Podemos dizer que o público que Hedwig Dohm tem em mente são leitores dos jornais em que são publicados os seus artigos, formado, em grande parte, por leitores dos respectivos jornais, mulheres e homens que estejam dispostos a discutir a questão com lógica, como ela menciona no final do texto.

Ao refletir sobre a função do TF, declaro função apelativa e representativa, pois, ao mesmo tempo que a autora informa e explica as categorias de antifeministas, ela também tenta persuadir o leitor, levando-o à reflexão por meio de algumas estratégias argumentativas. Além disso, há uma preocupação com o estilo do texto para ressaltar o conteúdo a fim de causar um impacto no receptor. Com isso, meu escopo de texto alvo tinha intenção de reproduzir o mais adequadamente possível estes aspectos linguísticos que contém elementos persuasivos para manter a função constante.

Em relação ao gênero do texto, o TF pode ser classificado como artigo ou ensaio⁴⁵, embora eu tenha preferência por artigo, pois sua publicação original se deu em um jornal, onde, normalmente, encontram-se textos cujo objetivo é informar (e, de fato, Dohm informa e

⁴⁵ *Aufsatz* em alemão, como está escrito na contracapa do livro, pode ser traduzido de ambas as formas.

classifica os antifeministas). Ao mesmo tempo, porém, ela tenta convencer o leitor de que as causas que ela defende são legítimas por meio da reflexão, elucidando o movimento feminista, expondo injustiças e exemplificando com casos concretos. O TA, embora tenha a mesma função, designo como ensaio, devido ao meio pelo qual é veiculado e à época em que está sendo traduzido – não seria provável encontrar artigo semelhante nos jornais atuais.

Os fatores internos ao texto relacionam-se com o conteúdo propriamente dito. As questões a serem discutidas brevemente neste parágrafo são: sobre qual assunto o texto diz; o quê diz e o que não diz; em qual ordem; com quais orações. O texto discorre sobre as categorias de antifeministas, elencando quatro grupos que são apresentados em uma ordem específica. A autora escolheu deixar os “cavaleiros da Nossa Senhora” por último, pois ela não se detém muito nesse grupo, afirmando que vai escolher uma pessoa específica para opinar sobre as suas concepções. Acerca da sintaxe, algumas orações foram construídas de tal forma que elementos de destaque são colocados no início da frase. Um exemplo desta estrutura é a primeira frase do texto: “*Dem Ansturm gegen die Frauenbewegung liegen die verschiedensten Motive zugrunde.*” Mantive a ordem dos elementos como no original, iniciando a frase com “o ataque”, a fim de dar maior destaque. Em português: “O ataque ao movimento feminista tem como base os mais diversos motivos. Para esclarecê-los, classifico quatro categorias de antifeministas”.

Outro recurso da autora é utilizar a função apelativa com frases em que o leitor é diretamente mencionado, com o intuito de chamar a atenção, por exemplo: “*Und wollt Ihr wissen, wie der Herrenrechtler großgezogen wird?*” e “*Was? sie will Griechisch oder Mathematik treiben? Wozu? was habe ich davon?*” Em português, fiz o possível para manter o que seria equivalente: “E vocês gostariam de saber como o defensor dos direitos masculinos foi criado?” e “O quê? Ela quer estudar grego ou matemática? Para quê? O que eu ganho com isso?”

As questões referentes às palavras, ao tom do texto e ao efeito desejado serão aprofundadas nos subcapítulos a seguir.

Ainda que eu tenha tentado realizar a tradução de modo a ficar o mais próximo possível da sintaxe e do léxico do TF, utilizei técnicas de tradução feminista, como a sobre-tradução e notas de rodapé a fim de mediar algumas informações que o leitor brasileiro atual não compreenderia e adequar expressões linguísticas. Em seguida, elenco três principais desafios que encontrei durante o processo de tradução e que acho pertinente comentar e exemplificar mais detalhadamente. A saber: as questões lexicais, as pressuposições e o efeito e o tom.

5.1 Questões lexicais

Refletindo sobre os elementos lexicais utilizados no texto de Hedwig Dohm, apresento aqui algumas respostas à seguinte pergunta da Fórmula Q de Christiane Nord: com quais palavras o texto diz o que quer dizer?

À primeira vista, observa-se que as palavras utilizadas por Hedwig Dohm têm o propósito de manter o equilíbrio entre o tom formal e o informal, pois o texto é um artigo de jornal, mas, ao mesmo tempo, a autora tem o intuito de, arrisco dizer, causar um certo desconforto no leitor do texto. São utilizadas, portanto, certas estratégias para o alcance desse objetivo. Em alguns trechos, observamos a escolha de palavras que expressam clareza, lógica e um tom sério argumentativo, por exemplo em: *“Wenn also eine Frauenbewegung überhaupt zu existieren sich erlauben darf, so ist nichts einfacher und natürlicher, als daß alle Meinungsschattierungen eines rechten und linken Flügels in ihr zu Tage treten”*, traduzido por: “Pois, quando um movimento feminista finalmente permite-se existir, não há nada mais simples e natural do que todas as nuances de opinião das alas da esquerda e da direita estarem nela presentes.” Em contrapartida, também nos deparamos com trechos como: *“Ach Gott, sie sollten doch mit ihrer Männlichkeit nicht so protzen.”*, no qual a autora utiliza uma interjeição para expressar sua opinião em forma de desabafo e impaciência, gerando maior informalidade nesta passagem. Diante disso, optei por traduzir para: “Ah, Deus, eles não deveriam se gabar tanto de sua masculinidade.”

Existem outros trechos nos quais são feitos comentários sobre os próprios relatos, como em: *“[...] malt so ein hoher Herr die Zeit aus, wo der Mann verdammt sein werde den Kochlöffel zu führen und die Kinder zu wiegen. Spaßig.”* e em *“[...] Ulkig. Ich riet ihm Vegetarier zu werden.”* Em português, respectivamente: “[...] um desses senhores major imagina uma época em que o homem seria condenado por conduzir uma colher de pau e ninar crianças. Hilário” e “Ridículo. Eu aconselhei-o a se tornar vegetariano.”

Além disso, as metáforas são um recurso amplamente utilizado pela autora como forma de persuasão, a fim de criar uma analogia com seus argumentos e torná-los mais fortes. Podemos observar estas metáforas em alguns trechos a seguir: *“Diese Vielen nennen die Gewohnheit ihre Amme, die sie von der Wiege bis zum Grabe sicher nährt”*, traduzido por: “Estes muitos qualificam os hábitos como sua ama-de-leite, que os nutre com segurança do berço até o túmulo.” Aqui, a autora compara os hábitos de determinadas pessoas (especificamente os “defensores de antigas crenças”) com a segurança e a nutrição que a

amamentação proporciona a um bebê. Assim, Hedwig Dohm utiliza-se dessa analogia para comparar esse grupo de pessoas a eternos dependentes que precisam de algo em que possam se agarrar até a morte.

A próxima metáfora que selecionei para evidenciar foi o trecho: “*Und nun zerbröckelt auch langsam das Palladium der Antifeministen [...]*”, em português: “E agora o paládio dos antifeministas despedaça-se também lentamente [...]”. Dohm faz uma referência à estátua de madeira da deusa Palas que, segundo a mitologia grega, servia como um objeto sagrado para proteger a cidade de Tróia. Achei necessário intervir e adicionar uma explicação a fim de facilitar a compreensão do leitor. Assim, utilizei a técnica de nota de rodapé para conseguir maior liberdade de esclarecer o significado da palavra, pois expandir o texto, nesse caso, não proporcionaria uma fluidez satisfatória.

A relação da metáfora, então, é estabelecida entre a estátua tida como salvaguarda e o tempo no qual as mulheres eram obrigadas a “[...] fiar, tecer e levantar-se quando um homem entra no recinto” (No original: “[...] *spannen und webten und aufstehen mußten, wenn ein Mann ins Zimmer trat*”). O recurso da metáfora é utilizado com o objetivo de fazer uma analogia entre essa época de submissão feminina e uma estátua que mantinha Tróia protegida. Dessa maneira, fica claro o sentimento de segurança que os homens antifeministas possuem em decorrência da submissão feminina.

Outra metáfora utilizada é no trecho: “[...] *sondern als ein notwendiger Faktor, ein Perpendikel, das in dem Uhrwerk der Kultur ein Vorgehen oder Nachgehen verhütet*”, traduzido para: “[...] mas sim como um fator necessário, um pêndulo que impede um avanço ou atraso na engrenagem da cultura”. Aqui, Dohm relaciona a esquerda e a direita de movimentos sociais como necessários para o equilíbrio da cultura. Também são utilizadas metáforas para explicar a função da direita e da esquerda no movimento político, como:

Die Rechte im Parlament, ohne die Linke gedacht, würde einer chinesischen Mauer gleichen, undurchlässig für jedesoziale Neugestaltung. Der Linken gegenüber verhütet die Rechte unter Umständen, daß Früchte vom Baum der Kultur gepflückt werden, ehe sie reif sind. [grifo meu]

Em português:

A direita no parlamento, sem pensar na esquerda, seria comparada à muralha chinesa, impermeável para cada reorganização social. Em relação à esquerda, a direita impede, sob determinadas circunstâncias, que frutos sejam colhidos da árvore da cultura antes que eles estejam maduros. [grifo meu]

Dohm também se utiliza de um jogo de palavras que contém um contraste semântico em: “*Die Ritter der mater dolorosa gebärden sich teils als Schutzengel, die ihre Götterhände über das gequälte Weib halten, teils als Cerberusse, die der Unberufenen, die sich in ihr*

Gehöft wagt, gefährlich die Zähne zeigen.” Em português: “Os cavaleiros da Nossa Senhora portam-se em parte como anjos da guarda que seguram suas mãos divinas sobre a mulher atormentada, e em parte como Cérberos, que mostram os dentes perigosamente aos desqualificados que ousam entrar em sua propriedade.” Não é à toa, naturalmente, que a autora utiliza a figura greco-mitológica do Cérbero, cão de guarda do mundo inferior, em referência a pessoas que ela mesma descreve como “cavaleiros de Nossa Senhora” e “anjos da guarda”. É claro que a intenção, aqui, é ser irônica ao referir-se assim às pessoas que, segundo ela, pertencem a esse grupo.

A autora também utiliza amplamente neologismos, como em *Altgläubigen*, para se referir a pessoas que estão fixadas a ideias ultrapassadas. Foi preciso traduzir essa palavra por uma expressão (“defensores de antigas crenças”) para que o significado contemplasse as nuances da expressão original. Desse modo, em *Herrenrechtler* foi necessário utilizar o mesmo processo para conseguir encontrar uma tradução adequada ao português brasileiro, traduzido, enfim, por “defensores dos direitos masculinos”.

Além disso, expressões idiomáticas também são frequentemente utilizadas, o que proporciona um tom informal ao texto. Podemos observar no trecho original: “*Da spielt er die erste Geige, die eigentlich eine Pfeife ist, nach der das Weib zu tanzen hat.*” Aqui foi essencial a utilização da técnica feminista de sobre-tradução, a fim de compensar as diferenças linguísticas, pois não era possível efetuar uma tradução com os mesmos itens lexicais e mesmo campo semântico. A expressão “*die erste Geige spielen*” (tocar o primeiro violino) significa “ser determinante, orientar e liderar”, e “*nach jemandes Pfeife tanzen*” (dançar ao som do apito de alguém) carrega o significado de fazer tudo o que alguém pede, obedecer. Como não me foi possível encontrar expressões em português com imagens semelhantes e significados próximos, decidi alterar o tema original das palavras do TF de música-dança para caminho-seguir. O resultado foi: “Mesmo assim, ele guia o caminho que a mulher deve seguir, que na verdade está mais para um beco.”

Percebemos, portanto, que a autora recorre a construções que carregam um certo grau de informalidade para se aproximar do leitor, usa referências da cultura alemã ou da cultura grega, lança mão de recursos metafóricos e analógicos e utiliza-se amplamente de neologismos e expressões idiomáticas a fim de adaptar e simplificar suas argumentações para que o público leigo compreendesse seu ponto de vista e a importância das questões por ela abordadas.

5.2 Pressuposições

Logo em seguida, nos voltamos às pressuposições que são encontradas no texto de Dohm, ou seja, o que o texto diz e o que não diz. Neste subcapítulo, trato um pouco sobre as mediações que foram necessárias para que a comunicação, visando o público brasileiro, obtivesse êxito.

A primeira referência utilizada pela autora que julguei como possível agente de incompreensão para o leitor brasileiro foi a menção ao antigo guerreiro Rodrigo Diaz de Vivar, conhecido como *El Cid*, um bravo guerreiro que viveu no século XI na Península Ibérica e tornou-se símbolo de vitória. Entretanto, não foi necessário alterar o texto original de forma muito significativa – apenas uma palavra foi o suficiente para fazer com que o leitor brasileiro entendesse que a autora estava falando sobre um guerreiro, pois as outras características já estavam explícitas e não haveria necessidade de maiores explicações. Assim, ao invés de manter o pronome possessivo, como o original “[...] *an seine siegende Kraft* [...]” (“sua força vitoriosa”, grifo meu), alterei para “a força vitoriosa do guerreiro”, para que a referência ao personagem histórico fosse resgatada.

A próxima figura a qual Dohm faz referência é Nietzsche, citando uma frase do filósofo: “*Buddha ist tot, aber wir müssen noch seine Schatten besiegen*”, traduzida por: “Buda está morto, mas ainda temos que superar suas sombras.” Embora não tenha sido necessário expandir ou reduzir o TA a fim de explicar alguma pressuposição, gostaria de destacar aqui a adaptação da própria autora em relação à frase original do filósofo:

Depois que Buda morreu, sua sombra ainda foi mostrada numa caverna durante séculos — uma sombra imensa e terrível. Deus está morto; mas, tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada. — Quanto a nós — nós teremos que vencer também a sua sombra! (NIETZSCHE, 2012 apud SILVA, 2020, pp. 78-79)

Percebe-se, então, que Dohm reduz o sentido do enunciado original ao dizer que devemos vencer a sombra de Buda, e não a de Deus. Talvez seja possível encontrar um esclarecimento acerca dessa questão no capítulo dedicado exclusivamente a Nietzsche, encontrado no mesmo livro em que o artigo *Quatro categorias de antifeministas* foi publicado. Em paralelo a essa questão, é digno de destaque o fato de que a religião é um tema recorrente, não somente nesse texto e nesse livro, mas também em outras obras de Dohm.

Outra ocorrência de adição de nota de rodapé que pareceu necessária foi a breve explicação sobre a lenda da filha do gigante, mencionada na segunda página, pois é uma lenda conhecida na Alsácia, região ao leste da França que faz fronteira com a Alemanha. Realizado da forma mais sucinta possível, esse esclarecimento acerca do mito parece ser de extrema

importância para que o leitor não fique completamente perdido, afinal, há um fator relevante que se conecta ao argumento da autora. A suposição de que “[...] nós, todos habitantes da Terra, somos apenas párias da criação do mundo em relação a outras criaturas de estrelas mais elevadas”⁴⁶ é reforçada ao levarmos em consideração a lenda em que uma menina gigante leva um camponês com seu arado e animal para casa. Se admitirmos a hipótese de que há “outras criaturas de estrelas mais elevadas”, podemos compreender os gigantes da lenda como essas criaturas sobre as quais Dohm reflete. Não seria lógico, portanto, a distinção entre gêneros, pois, segundo a lenda, uma menina gigante exerce uma posição de superioridade em relação a um homem adulto.

Por último e não menos importante, destaco a pressuposição que Dohm levanta sobre um misterioso poeta mencionado, escolhido para ilustrar a categoria dos “egoístas de conveniência”. A autora dá algumas características sobre suas obras e sua reputação: “*Ein alter Dichter war’s, – er ist nun lange tot – der durch seine begeisterten patriotischen Gesänge sich Freunde und Bewunderer erwarb, und der außerdem den Ruf eines edlen und reinen Menschen genoß. [...] Er hatte eine Frau und zwei Töchter.*” Em português: “Era um poeta antigo – agora ele já está morto há um tempo – que, com seu cântico patriótico entusiasmado, angariou amigos e admiradores e, além disso, desfrutou da reputação de um homem nobre e puro. [...] Ele tinha esposa e duas filhas.” Além disso, Hedwig Dohm também mencionou algumas características físicas do poeta em: “*Ich haßte diesen alten Dichter mit dem rosigen Gesicht, den blauen, treuen Augen und der hohen Dichterstirn*”, traduzido por: “Eu odiava esse poeta velho com a cara rosa, os olhos azuis e fiéis e a testa infinita de poeta.” Suponho que, devido ao fato do poeta já ter falecido na época em que o TF foi publicado, o leitor saiba, por tantas descrições, de quem se trata. Não foi possível, contudo, descobrir quem é o poeta sobre o qual Dohm escreve e classifica nessa categoria de antifeminista.

5.3 Efeito e tom

Uma questão que não podemos deixar de mencionar em relação ao texto de Dohm é, sem dúvidas, o efeito causado pela ironia e pelo humor, que adicionam um tom especial à escrita e parecem ter o objetivo de provocar o leitor e levá-lo à reflexão. Ida Machado questiona se o motivo do uso da ironia seria “talvez por certa elegância de espírito” (2014, p. 117), o que eu tendo a considerar apropriado. A autora afirma, sobre autores que ironizam ao narrar as próprias vidas, que eles o fazem:

⁴⁶ No trecho original: “[...] *wir Erdbewohner alle, nur Parias der Weltschöpfung sind, gegenüber anderen Geschöpfen auf höheren Sternen.*”

[...] para tornar os acontecimentos passados mais aceitáveis, para “fazer de conta” que eles não machucaram muito o narrador que conseguiu construir uma vida, apesar de todos os obstáculos; ironizam para imaginar que essa vida é algo único e especial; mesmo se depois concluírem que todos os destinos, todas as vidas são especiais e únicas [...] (MACHADO, 2014, p. 110)

Arrisco-me a dizer, então, que, além do caráter transgressivo do discurso de Hedwig Dohm, com o objetivo de criticar o *status quo* e defender a luta a favor dos direitos das mulheres, também podemos levar em consideração que a utilização da ironia pode ser vista como uma resposta pessoal da própria autora a acontecimentos passados que a afetaram profundamente de alguma forma, seja por meio de vivências ou por meio de observações e relatos.

Em relação à posição de autoridade que Duarte (1994) elucida, é possível perceber que Dohm abdica da posição de autoridade intelectual, por exemplo, ao reconhecer a humanidade como pequena em relação a outros possíveis moradores de estrelas mais elevadas. Ao mesmo tempo, observa-se que a autora mantém o jogo duplo quando deprecia os defensores de antigas crenças, chamando-os de enrijecidos, e quando zomba deles ao dizer que a ciência desconhece as leis da natureza. Desse modo, a autora debocha do pensamento dos pertencentes ao grupo, trazendo a posição de autoridade intelectual novamente para si ao inferiorizá-los. Como exemplo, apresento o trecho: “*In dem Jahrhundert der Naturwissenschaften, an deren Spitze die Entwicklungslehre steht, steifen diese Orthodoxen sich auf geoffenbarte Heiligkeiten und auf Naturgesetze, die die Wissenschaft nicht kennt*”, traduzido por: “No século das ciências naturais, em cuja frente se encontra a *teoria da evolução*, esses ortodoxos ficam enrijecidos em relação às ideias sacrossantas reveladas e às leis da natureza, as quais a ciência desconhece.” É inegável que a ciência conhece as leis da natureza, porém a estratégia é manter essa ambiguidade.

É justamente a partir desse jogo duplo de ataque e busca por defesa que Dohm leva o leitor à reflexão e ao conhecimento, pois ela própria se põe à disposição para estudar a questão sem preconceitos, contanto que seja com justiça e lógica. Além de conduzir o leitor à reflexão, a ironia tem a função de representar “positivamente a opinião de seu adversário, através de jogos de enganos cuja intenção é a conquista ou a manutenção do poder” (DUARTE, 1994, p. 62), afinal, essa estratégia tem ligação intrínseca com o poder, e Dohm tenta, por esse meio, conquistar o poder de ser lida e levada a sério. Em relação a esse desejo de poder, há um ar de superioridade no elogio exagerado nos seguintes trechos: “*Sein schönes Bewußtsein als Mann gleicht dem des Ariers dem Juden gegenüber*” e “[...] *als plausche er lebenslang in logischen Wonnen.*” Ambas as frases, em português: “Sua bela consciência

como homem iguala-se a do ariano em relação ao judeu” e “[...] como se ele conversasse eternamente coberto de lógica.” Percebe-se, então, as afirmações irônicas, expressas em “bela consciência” e a descrição de conversar “eternamente coberto de lógica”, disfarçadas de elogios, quando a real intenção é o ataque a essas características.

Com o propósito de convencer o leitor por meio da ironia, palavras que seriam contrárias à sua argumentação são utilizadas, como em: “*Freilich – indessen – eine Entlastung von unversorgten Tanten, Schwägerinnen, Cousinen und sonstigem Parasitenvolk ist auch nicht ohne. Eröffnen wir ihr also so viel Erwerbsquellen, als zur Sicherung unseres Geldbeutels dienen.*” Em português: “Contudo, certamente um desencargo de tias, cunhadas, primas e outra tropa de parasitas desamparadas também não é de se menosprezar. Portanto, vamos abrir para elas tantas fontes de renda quanto possível para a preservação de nossas carteiras.” Chamar as mulheres de “parasitas desamparadas” a fim de mera ofensa não é a real intenção da autora; o propósito ao utilizar esse jogo de palavras é representar o ponto de vista do grupo de pessoas que é momentaneamente alvo da verdadeira crítica (os egoístas de conveniência).

Enquanto a ironia acata e observa as normas culturais, afinal, tem relação inerente com o poder, Duarte (1994, p. 73) afirma que o humor cria armadilhas para o leitor, pois simula ignorar ou afrontar tais normas, embora a aceitação do leitor dependa da compreensão e apreciação do texto. Destaca-se o tom humorístico com que Dohm desenvolve suas argumentações, que, diferentemente da ironia, não tem intenção de dizer algo para significar o oposto, mas sim “manter a ambigüidade para demonstrar a impossibilidade de estabelecimento de um sentido claro e definitivo” (DUARTE, 1994, p. 62), como no trecho a seguir:

In einem Aufsatz, der mir vorliegt, malt so ein hoher Herr die Zeit aus, wo der Mann verdammt sein werde den Kochlöffel zu führen und die Kinder zu wiegen. Spaßig. Ein Anderer vertraute mir einmal, er würde sich nie mit einer Ärztin verheiraten, aus Angst, sie könnte eines Tages seinen Gänsebraten mit einem Skalpell tranchieren. Ulkig. Ich riet ihm Vegetarier zu werden.

Ao observamos a tradução:

Em um ensaio que chegou até mim, um desses senhores major imagina uma época em que o homem seria condenado por conduzir uma colher de pau e ninar crianças. Hilário.

Um outro me confiou uma vez que ele nunca se casaria com uma médica por medo, pois ela poderia, um dia, cortar seu ganso assado com um bisturi. Ridículo. *Eu* aconselhei-o a se tornar vegetariano.

A autora brinca com as palavras, ridicularizando ambas as situações, a fim de demonstrar essas impossibilidades – a época em que o homem seria fadado à cozinha e ao

cuidado das crianças, e a hipótese de uma mulher usar um bisturi para cortar uma carne na cozinha (se esse é o problema, então, não coma a carne, debocha Dohm).

Como o *skopos* tinha como objetivo procurar manter os efeitos que o texto cria, fiz o máximo que pude para recriar os enunciados irônicos no TA. Uma das maiores dificuldades da tradução foi conseguir achar uma tradução satisfatória para a seguinte frase, mencionada no início do presente capítulo: “*Da spielt er die erste Geige, die eigentlich eine Pfeife ist, nach der das Weib zu tanzen hat.*” Nesse caso, foi fundamental utilizar a técnica de sobre-tradução, na qual ocorre a utilização de expressões distintas às do TF a fim de compensar as diferenças linguísticas e não excluir a compreensão do leitor brasileiro. A autora aglutina duas expressões idiomáticas para criar o efeito da ironia. As expressões são “*die erste Geige spielen*” (tocar o primeiro violino) e “*nach jemandes Pfeife tanzen*” (dançar ao som do apito de alguém). A frase teria o sentido, então, de que o homem deve mandar e a mulher deve obedecer. Uma possível tradução literal seria: “Ele toca o primeiro violino, que, na verdade, é um apito cujo som a mulher deve dançar”. A ironia nasce da junção das duas expressões, que insinuam que o que parece ser um “violino” não passa de um “apito”. A tradução que sugeri é: “Mesmo assim, ele guia o caminho que a mulher deve seguir, que na verdade está mais para um beco.” Alterando “violino” e “apito” para “caminho” e “beco”, mantive a hierarquia entre os dois elementos, sugerindo, como no original, que o que ele julga muito bom, na realidade, não é tão bom assim.

6. Considerações finais

Assim como foi mencionado na introdução, esse trabalho é apenas uma possibilidade de tradução para o texto em questão e acredito que pelo menos um dos objetivos – fazer com que Hedwig Dohm e seu trabalho sejam um pouco mais conhecidos do que antes – terá sido alcançado. Além disso, espero que as obras dela, não apenas o capítulo aqui tratado, venham a ser traduzidas para português e que, de alguma forma, essa monografia possa despertar a curiosidade e o interesse em alguém.

Pudemos entender um pouco sobre a vida e história da autora e um pouco sobre os motivos que levaram a berlinense a escrever sobre os temas que escreveu e do modo que escreveu.

A tradução, fundamentada na abordagem funcionalista e utilizando técnicas feministas, procurou ser adequada à função e ao *skopos* propostos, fazendo com que o leitor brasileiro atual consiga compreender o texto, inclusive tendo acesso a elementos sutis da argumentação, afinal, o tema e as questões levantadas são objetos de discussão ainda hoje. Procurei manter a ironia como principal estratégia de argumentação e manter o máximo possível o estilo sintético da autora.

Hedwig Dohm foi de extrema importância para a literatura feminista, pois foi uma das pioneiras de ideias que eram tão originais para a época que só começaram a ser difundidas a partir da segunda onda do feminismo, em meados do século XX. A reflexão que proponho, com base em Dohm, é sobre o quão importante é pensar que tratar as pessoas com respeito e igualdade, independentemente do gênero, foi considerada uma ideia radical até pouco tempo atrás.

Espero que haja novos estudos sobre a autora, inclusive sobre as figuras que ela cita e não menciona nomes, além da tradução de outras obras. Espero também que sejam feitas traduções de suas outras obras, para que ela possa ser amplamente utilizada em discussões feministas, sobre gênero e outros temas que ela tenha abordado ao longo de sua trajetória de escrita, como por exemplo a maternidade. Concluo esse trabalho, então, fazendo menção à famosa frase da autora, que se encontra em sua lápide, e tem origem em uma de suas primeiras obras: “Os direitos humanos não têm gênero.” (DOHM, 1876, p. 95, tradução minha)⁴⁷

⁴⁷ No original: “*Die Menschenrechte haben kein Geschlecht*”. (DOHM, 1876, p. 95)

Figura 2 – Hedwig Dohm



Fonte: Digitales Deutsches Frauenarchiv. Disponível em:
<<https://www.digitales-deutsches-frauenarchiv.de/akteurinnen/hedwig-dohm>>. Acesso em 8 de agosto de 2022.

7. Referências bibliográficas

7.1 Dicionários

Bab.la. Disponível em: <<https://pt.bab.la/dicionario/alemao-portugues>>. Acesso em 19 de abril de 2022.

Dicionário de sinônimos online. Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br>>. Acesso em 19 de abril de 2022.

Dicionário online de português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em 10 de maio de 2022.

Dict.cc. Dicionário Alemão-Português. Disponível em: <<https://dept.dict.cc>>. Acesso em 19 de abril de 2022.

Duden – mehr als ein Wörterbuch. Disponível em: <<https://duden.de>>. Acesso em 19 de abril de 2022.

DWDS – Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache. Disponível em: <<https://www.dwds.de>>. Acesso em 19 de abril de 2022.

IRMEN, Friedrich. Langenscheidts Taschenwörterbuch. Portugiesisch-Deutsch, Deutsch-Portugiesisch. 11 ed. Berlim, Munique, Viena, Zurique. Langenscheidt KG, 1980.

Langenscheidt Wörterbuch. Disponível em: <<https://de.langenscheidt.com/deutsch-portugiesisch/>>. Acesso em 19 de abril de 2022.

Linguee. Disponível em: <<https://www.linguee.com.br/>>. Acesso em 19 de abril de 2022.

Netzverb Dicionário – Flexão de verbos, substantivos e adjetivos alemães. Disponível em: <<https://www.verbformen.pt>>. Acesso em 19 de abril de 2022.

Oxford Languages. Disponível em: <<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>>. Acesso em 19 de abril de 2022.

Pons. Disponível em: <<https://pl.pons.com>>. Acesso em 19 de abril de 2022.

Redensarten-Index. Disponível em: <<https://www.redensarten-index.de/suche.php>>. Acesso em 19 de abril de 2022.

Reverso. Disponível em: <<https://context.reverso.net>>. Acesso em 19 de abril de 2022.

Woxikon. Disponível em: <<https://synonyme.woxikon.de>>. Acesso em 10 de maio de 2022.

7.2 Literatura

7.2.1 Primária

DOHM, H. **Christa Ruland**. Berlim: S. Fischer, 1902.

_____. **Der Frauen Natur und Recht. Zur Frauenfrage zwei Abhandlungen über Eigenschaften und Stimmrecht der Frauen**. Berlim: Wedekind & Schwieger, 1876.

_____. **Der Jesuitismus im Hausstande**. Berlim: Wedekind & Schwieger, 1873.

_____. **Die Antifeministen. Ein Buch der Verteidigung**. Berlim: Ferdinand Dümmler, 1902.

_____. **Die spanische National-Literatur in ihrer geschichtlichen Entwicklung**. Berlim: Gustav Hempel, 1867. Disponível em <https://opacplus.bsb-muenchen.de/Vta2/bsb10360204/bsb:BV003415227>. Acesso em 28 de junho de 2022.

_____. **Die wissenschaftliche Emancipation der Frau**. Berlim: Wedekind & Schwieger, 1874.

_____. **Kindheitserinnerungen einer alten Berlinerin**. Berlim, 1912. Disponível em: https://scholarsarchive.byu.edu/sophnf_nonfict/153/. Acesso em 28 de junho de 2022.

_____. **Schicksale einer Seele**. Berlim: S. Fischer, 1899.

_____. **Sibilla Dalmar: Roman aus dem Ende unseres Jahrhunderts**. Berlim: S. Fischer, 1897.

_____. **Was die Pastoren von der Frauen denken**. Berlim: Reinhold Schlingmann, 1872.

7.2.2 Secundária

AddF Forschungsinstitut & Dokumentationszentrum. **Minna Cauer (1841-1922)**. Kassel: AddF, 2020. Disponível em: <https://addf-kassel.de/dossiers-und-links/dossiers/dossiers-personen/minna-cauer/>. Acesso em 8 de agosto de 2022.

ALMEIDA, R. A. Ferdinand Lassalle e o conceito sociológico de Constituição (parte 1). **JusBrasil**, 2016. Disponível em: <https://rodrigoandradedealmeida.jusbrasil.com.br/artigos/365383576/ferdinand-lassalle-e-o-conceito-sociologico-de-constituicao-parte-1>. Acesso em 5 de outubro de 2022.

AMENI, C. Conheça Clara Zetkin, a feminista antifascista que impulsionou o Dia Internacional da Mulher. *In*: Autonomia Literária. **Autonomia Literária**, 8 mar. 2019. Disponível em: <https://autonomialiteraria.com.br/conheca-clarazetkin-a-feminista-antifascista-que-impulsionou-o-dia-internacional-da-mulher/>. Acesso em 9 de agosto de 2022.

APOLONIA, M. A. F. A epístola ao deus do amor (1399), a primeira querela literária, em língua francesa, instaurada por uma mulher. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, Maringá, v. 37, n. 3, p. 221-231, jul. 2015.

BADIA, G. **Clara Zetkin: Vida e Obra**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2003.

BENNETT, J. **History Matters: Patriarchy and the Challenge of Feminism**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press. 2006.

COSTA, P. B.; AMORIM, L. M. Além das tradutoras canadenses: práticas feministas de tradução ontem e hoje. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 1227-1247, dez. 2019.

CRUZ, P. L. **Alexandra Kollontai: a mulher, o direito e o socialismo**. 2011. 272 p. Dissertação (Mestrado em Direito Político e Econômico) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

DEPLAGNE, L. F. C. **A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan**. 2006. 368 p. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

_____. Querelle des Femmes: Mapeamento em Português. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 28-42, 2021.

Der Fortschrittlichen Frauenbewegung: 25jährigen Jubiläum des Vereins Frauenwohl Groß-Berlin. **Frauenwohl**, Berlim, setembro, 1913. Disponível em: <https://digital.staatsbibliothek-berlin.de/werkansicht?PPN=PPN718929969&PHYSID=PHYS_0007&DMDID=>>. Acesso em 8 de agosto de 2022.

DESLAURIERS, M. Lucrezia Marinella. In: Stanford Encyclopedia of Philosophy. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Califórnia, 2 nov. 2012. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/lucrezia-marinella/>>. Acesso em 8 de setembro de 2022.

Digitales Deutsches Frauenarchiv. **Hedwig Dohm**. Alemanha: DDF, 2022. Disponível em: <<https://www.digitales-deutsches-frauenarchiv.de/akteurinnen/hedwig-dohm>>. Acesso em 8 de agosto de 2022.

DOEGE, H. Vorkämpferin für die Frauenemanzipation. Die Schriftstellerin Hedwig Dohm. **Berlinische Monatsschrift**. Berlim, v. 2, fev. 2000. Disponível em: <<https://berlingeschichte.de/bms/bmstxt00/0002porb.htm>>. Acesso em 19 de abril de 2022

DUARTE, L. P. **Ironia, humor e fingimento literário. Resultados da pesquisa ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: Cadernos de Pesquisa, 1994.

FemBio. **Emma Ihrer**. Alemanha: FemBio, 2022. Disponível em: <<https://www.fembio.org/biographie.php/frau/biographie/emma-ihrer>>. Acesso em 8 de agosto de 2022.

_____. **Fanny Lewald**. Alemanha: FemBio, 2022. Disponível em: <<https://www.fembio.org/biographie.php/frau/biographie/fanny-lewald/>>. Acesso em 7 de setembro de 2022.

Frauen Media Turm. **Hedwig Dohm**. Colônia, Alemanha: FMT. Disponível em: <<https://frauenmediatum.de/historische-frauenbewegung/hedwig-dohm-1831-1919/>>. Acesso em 19 de abril de 2022.

FREITAS, L. F. Visibilidade problemática em Venuti. **Cadernos de Tradução**, Santa Catarina, v. 2, n. 12, 2003.

Friedrich Ebert Stiftung. **Frauenbewegung**. Alemanha: FES. Disponível em: <<https://www.fes.de/hfz/arbeiterbewegung/themen/frauenbewegung/>>. Acesso em 8 de agosto de 2022.

Geschichte der Gewerkschaften. **Emma Ihrer**. Disponível em: <<https://www.gewerkschaftsgeschichte.de/emma-ihrer-2914.html>>. Acesso em 8 de agosto de 2022.

Goethezeitportal. **Das Riesenspielzeug**. 2022. Disponível em: <<http://www.goethezeitportal.de/wissen/illustrationen/legenden-maerchen-und-sagenmotive/das-riesenspielzeug.html>>. Acesso em 8 de setembro de 2022.

HESPANHOL, C. G. **Clara Zetkin e a libertação das mulheres: traduções feministas comentadas**. 2021. 178 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

Journalistinnenbund. **Hedwig Dohm (1831-1919) – Zum 100. Todestag einer Visionärin**. Colônia, Alemanha: 2022. Disponível em: <<https://www.journalistinnen.de/hedwig-dohm-urkunde/hedwig-dohm-1831-1919-zum-100-todestag-einer-visionaerin/>>. Acesso em 6 de julho de 2022.

LISCHKE, U.; LISCHKE, U. **Lily Braun, 1865-1916: German Writer, Feminist, Socialist**. Nova Iorque: Camden House, 2000.

LOUREIRO, I. M. Rosa Luxemburg: marxismo e história. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 16, p. 83-98, 1993.

_____. Rosa Luxemburgo. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 1-15, 2021.

LUZ, G.; MENDES, E. André Léo: revolução, democracia e resistência. **Letras**, Belo Horizonte, n. 58., p. 2-16, out. 2018.

MACHADO, G. M. P. Ferdinand Lassalle e a crítica marxiana ao direito como crítica ao idealismo. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.8, n.8, p. 54004-54025, aug., 2022

MACHADO, I. L. A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. **Bakhtiniana**, São Paulo, n. 9, p. 108-128, jan./jul. 2014.

MARTINS, M. S.; EGGERT, E. Hildegarda de Bingen (1098-1179). **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 14-34, 2022.

MIRANDA, A. R. Mary Wollstonecraft e a reflexão sobre os limites do pensamento iluminista a respeito dos direitos das mulheres. **Revista Vernáculo**, Paraná, n. 26, 2010.

MOSES, C. G. **French feminism in the nineteenth century**. Albany: State University of New York Press, 1984.

MUNDAY, J. **Introducing Translation Studies: Theories and Applications**. 2nd ed. Oxfordshire: Routledge, 2008.

NEVIN, E. **Scripts, Skirts, and Stays: Femininity and Dress in Fiction by German Women Writers, 1840-1910**. 2015. 248p. Tese (Doutorado em Cultura e Língua Alemã) – Department of European Cultures and Languages, Universidade de Londres, Birkbeck. 2015.

NIDA, E. A. **Toward a Science of Translating**. Leiden: E. J. Brill, 1964.

NORD, C. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática**. Tradução: Meta E. Z. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

OFFEN, K. Defining Feminism: A Comparative Historical Approach. **Signs**, Chicago, vol. 14, n. 1, p. 119-157, 1988.

REIS, C. Lassalle e o fracasso da revolução alemã de 1919. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, São Paulo, v. 6, n. 1/2/3, p. 25-38, 2006.

REIß, K.; VERMEER, H. J. **Towards a General Theory of Translation Action: Skopos Theory Explained**. Nova Iorque: Routledge, 2014.

ROHNER, I. **Biografie Hedwig Dohm**. Disponível em: <<http://www.hedwigdohm.de/biografie-hedwig-dohm/>>. Acesso em 19 de abril de 2022.

SCHMIDT, A. R. Christine de Pizan. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v. 6, n. 3, p. 1-15, 2020.

SCHMIDT, J. F. As Mulheres na Revolução Francesa. **Revista Thema**, Rio Grande do Sul, v. 9, n. 2, p. 1-19, 2012.

SILVA, A. A. Effi Briest. **A Terra é redonda**. São Paulo, 19 abr. 2020. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/effi-briest/>> Acesso em 1 de setembro de 2022.

SILVA, D. J. **Avanços e limites da contribuição soviética para a libertação das mulheres: apontamentos a partir do pensamento de Alexandra Kollontai**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SILVA, L. C. **Redução da moral à estética: arte e gaia ciência na filosofia do espírito livre, de Friedrich Nietzsche**. 2020. 137 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Filosofia, Letras e Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2020.

Tudor Brasil. **Cristina de Pisano e o feminismo antes do feminismo**. 2015. Disponível em: <<https://tudorbrasil.com/2015/11/10/cristina-de-pisano-e-o-feminismo-antes-do-feminismo-parte-i/>>. Acesso em 19 de agosto de 2022.

TYMOCZKO, M. Ideology and the Position of the Translator In What Sense is a Translator ‘In Between’?. **Apropos of Ideology: Translation Studies on Ideology – Ideologies in Translation Studies**. Routledge, 2014, pp. 181-202.

Universität Heidelberg. **Kladderadatsch (1848-1944)**. Heidelberg, 2022. Disponível em: <<https://www.ub.uni-heidelberg.de/Englisch/helios/digi/kladderadatsch.html>>. Acesso em 28 de junho de 2022.

VON FLOTOW, L. Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories. **TTR: Traduction, Terminologie et Redaction**. Canadá, v. 4, n. 2, p. 69-84, jan. 1991.

VON HELLFELD, M. **Revolução de 1848**. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/revolucao-alema-de-1848-marcou-busca-pela-unificacao-em-um-reino/a-4321622>>. Acesso em 5 de maio de 2022.

WAQUIL, Marina Leivas. Tradução feminista e o poder de tirar vozes do confinamento. **Revista Belas Infieis**. Brasília, v. 10, n. 3, p. 01-22, 2021.

WUENSCH, A. M. O quê Christine de Pizan nos faz pensar. **Revista Graphos**, Paraíba, v. 15, n. 1, 30 jun. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/16315>>. Acesso em: 8 de setembro de 2022.

ZIMMERMANN, H. **Simplicissimus: Über die Zeitschrift**. Weimar: 2019. Disponível em: <<http://www.simplicissimus.info/index.php?id=9>>. Acesso em 3 de agosto de 2022.

ZIRBEL, I. Ondas do Feminismo. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 10-31, 2021.

ANEXO A

Vier Kategorien der Antifeministen

Dem Ansturm gegen die Frauenbewegung liegen die verschiedensten Motive zugrunde. Sie klar zu stellen nehme ich vier Kategorien der Antifeministen an.

1. Die Altgläubigen.
2. Die Herrenrechtler, zu denen ich die Charakterschwachen und die Geistesdürftigen zähle.
3. Die praktischen Egoisten.
4. Die Ritter der mater dolorosa. (Unterabteilung: die Jeremiasse, die auf dem Grabe der Weiblichkeit schluchzen.)

Über die *Altgläubigen* ist nicht viel zu sagen. Die Majorität aller Menschen gehört zu ihnen. Diese Vielen nennen die Gewohnheit ihre Amme, die sie von der Wiege bis zum Grabe sicher nährt.

Die Altgläubigen sind diejenigen, die den Gedankeninhalt vergangener Jahrhunderte für alle Ewigkeit festzuhalten für ihre Pflicht erachten. Zum eisernen Bestand ihrer Argumentation gehört der liebe Gott und die Naturgesetze. In dem Jahrhundert der Naturwissenschaften, an deren Spitze die *Entwicklungslehre* steht, steifen diese Orthodoxen sich auf geoffenbarte Heiligkeiten und auf Naturgesetze, die die Wissenschaft nicht kennt. Ihr Hauptgrundsatz: Weil es immer so war, muß es immer so bleiben. Sie treiben einen Gedanken-Ahnenkultus, die Taktik jener alten Spanier befolgend, die den toten Cid, aufrecht aufs Pferd gebunden, mit in die Schlacht führten, um mit dem *Glauben* an seine siegende Kraft den Feind zu schlagen.

Das Licht mancher Gestirne braucht Jahrhunderte, ehe es in unsern Sehkreis gelangt. Die Bewohner (wenn es solche gibt) unermeßlich weitentfernter Sterne würden vielleicht heutigen Tages – wenn ihre Augen oder Fernrohre bis zu uns reichten, Plato oder Christus über die Erde wandeln sehen.

Analoges im Geistesleben. Die Rückwärtsglaubenden sehen heut noch auf Erden Zustände, wie sie vor Jahrhunderten waren.

Über Institutionen, mögen sie durch Jahrhunderte oder Jahrtausende sich bewährt haben, wächst allmählich die fortschreitende Entwicklung hinaus. Ihr Inhalt schwindet. Aber durch lange Zeiträume hindurch erhalten sich noch die Formen, die keinen Inhalt mehr haben, und wirken fort. Nietzsche drückt das poetisch aus: »Buddha ist tot, aber wir müssen noch seine Schatten besiegen.«

So ist z.B. der Polterabend die letzte Reminiscenz des anfänglich wirklichen, später symbolischen Frauenraubes, der mit ungeheurem Getöse vor sich ging.

In der psychischen wie in der geistigen Welt ist alles in unaufhörlicher Bewegung. Kein Zustand ist bleibend, keine Substanz fest.

Und das ist der ungeheure Irrtum der Altgläubigen, daß sie sich diesem Gesetz der Bewegung verschließen.

Die Zeit ist unwiederbringlich hin, wo Königinnen und ihre Töchter spannen und webten und aufstehen mußten, wenn ein Mann ins Zimmer trat. Und nun zerbröckelt auch langsam das Palladium der Antifeministen, die fünf inhaltsschweren Worte: *die Frau gehört ins Haus*.

Die *Herrenrechtler* unterscheiden sich von den Altgläubigen dadurch, daß sie weniger Gewicht auf den lieben Gott und seine Offenbarungen, als auf die realen, praktischen Unmöglichkeiten legen, die sich der Frauenemanzipation entgegenstellen. Sie pochen mehr auf *ihre* Rechte als auf die himmlischen.

Ich war an einem Sylvesterabend Ohrenzeuge, als so ein Herrenrechtler (er braute noch am Punsch) seine Frau, die mit dem Glockenschlag zwölf »Prosit Neujahr!« rief, zur Ruhe wies mit den Worten: »Ich habe hier zu bestimmen, wann Mitternacht ist.«

Der Herrenrechtler weigert dem Weib das Bürgerrecht, weil es als Weib und nicht als Mann geboren wurde.

Ach Gott, sie sollten doch mit ihrer Männlichkeit nicht so protzen. Wer weiß, ob nicht am Ende die ganze kleine Menschheit, wir Erdbewohner alle, nur Parias der Welterschöpfung sind, gegenüber anderen Geschöpfen auf höheren Sternen. Das Märchengedicht von der Riesentochter, die den pflügenden Bauer samt seinem Gespann für ein niedliches Spielzeug auf Rädern hält, das sie in ihrer Schürze mit nach Hause trägt, enthält eine hübsche, anregende Symbolik.

Der wirkliche Paria aber hatte gewiß auch Herrschergelüste und wollte wenigstens Oberparia sein, da machte er das Weib zum Unterparia.

Zu den Herrenrechtlern gehören die Charakterschwachen und Geistesdürftigen.

Die Charakterschwachen machen Front gegen die Frauenbewegung – aus Furcht. Sie haben immer Angst, von der Frau – besonders von ihrer eigenen – unterdrückt zu werden. Weil sie sich heimlich ihrer Schwäche bewußt sind, betonen sie bei jeder Gelegenheit ihre Oberhoheit.

Die Motive derer, die das Pulver nicht erfunden haben, liegen zutage. Wenn die Frau nicht dümmer wäre als sie, wer wäre es denn?

Wenn der arme Schlucker auch von allen Männern über die Achsel angesehen wird, als Mann steht er doch über der größeren Hälfte des Menschengeschlechts – über den Frauen. Da spielt er die erste Geige, die eigentlich eine Pfeife ist, nach der das Weib zu tanzen hat. Er, der an Geist zu kurz Gekommene, ist es, der des Weibes völligen Mangel an Logik fett unterstreicht, mit dem triumphierenden Ausdruck, als plausche er lebenslang in logischen Wonnen.

Sein schönes Bewußtsein als Mann gleicht dem des Ariers dem Juden gegenüber. Ist er auch nichts, aber gar nichts anderes als ein Arier, so ist er doch wenigstens kein Jude, und er darf im Hinblick auf die hebräische Hakennase, auf seine Vivatnase (natürlich nur wenn er sie hat) stolz sein.

Die Herrenrechtler sind die Spottlustigen im Lande der Reaktion.

In einem Aufsatz, der mir vorliegt, malt so ein hoher Herr die Zeit aus, wo der Mann verdammt sein werde den Kochlöffel zu führen und die Kinder zu wiegen. Spaßig.

Ein Anderer vertraute mir einmal, er würde sich nie mit einer Ärztin verheiraten, aus Angst, sie könnte eines Tages seinen Gänsebraten mit einem Skalpell tranchieren. Ulkig. *Ich* riet ihm Vegetarier zu werden.

Und wollt Ihr wissen, wie der Herrenrechtler großgezogen wird?

Ich weiß ein Lied aus dem Büchelchen »Kinderwelt«, das ich unlängst in den Händen meiner kleinen Enkelin fand.

Jungen und Mädchen.

Müller, Müller, mahl er!

Die Jungen kosten 'nen Taler

Die Mädchen kosten 'nen Taubendreck,

Die schupst man mit den Beinen weg.

Müller, Müller, mahl er!

Die Mädchen kriegen 'nen Taler,

Die Jungen kriegen 'n Reiterpferd,

Das ist wohl tausend Taler wert.

Der Herrenrechtler lacht. Ich nicht.

Kürzlich fiel mir eine Schrift in die Hand, in der ein Herrenrechtler sich lustig macht über die Frauenversammlungen, die, gleich den Parlamenten, als Rechte und Linke mit einander streiten. Man braucht gerade kein Denker zu sein, um bemerkt zu haben, daß bei jeder sozialen oder politischen Bewegung eine Rechte und eine Linke sich bildet, – nicht als ein unvermeidliches Übel, sondern als ein notwendiger Faktor, ein Perpendikel, das in dem Uhrwerk der Kultur ein Vorgehen oder Nachgehen verhütet. Die Rechte im Parlament, ohne die Linke gedacht, würde einer chinesischen Mauer gleichen, undurchlässig für jede soziale Neugestaltung. Der Linken gegenüber verhütet die Rechte unter Umständen, daß Früchte vom Baum der Kultur gepflückt werden, ehe sie reif sind. Wenn also eine Frauenbewegung überhaupt zu existieren sich erlauben darf, so ist nichts einfacher und natürlicher, als daß alle Meinungsschattierungen eines rechten und linken Flügels in ihr zu Tage treten.

In der heutigen Frauenbewegung vertritt die Rechte die praktische Seite, das augenblicklich Erreichbare. Die Linke zeigt die Ziele der Bewegung in der Zukunft.

»Eine *theoretische* Leistung ist um so besser, je vollständiger sie alle, auch die letzten und entferntesten Konsequenzen des in ihr entwickelten Prinzips zieht. Eine *praktische* Leistung ist um so mächtiger, je mehr sie sich auf den ersten Punkt konzentriert, aus dem alles weitere folgt.« (Lassalle.)

Der *praktische Egoist* betrachtet die Frauenemanzipation vom Standpunkt der Vorteile oder Nachteile, die ihm daraus erwachsen könnten. Er – der Geschäftsantifeminist – fürchtet von ihr die Konkurrenz beim Broterwerb, sieht aber zugleich in der Erwerbsfrau die Zerstörererin seiner häuslichen Behaglichkeit.

Was? sie will Griechisch oder Mathematik treiben? Wozu? was habe ich davon?

Freilich – indessen – eine Entlastung von unversorgten Tanten, Schwägerinnen, Cousinen und sonstigem Parasitenvolk ist auch nicht ohne. Eröffnen wir ihr also so viel Erwerbsquellen, als zur Sicherung unseres Geldbeutels dienen.

Der typische Fall eines solchen Egoisten schwebt mir vor. Ein alter Dichter war's, – er ist nun lange tot – der durch seine begeisterten patriotischen Gesänge sich Freunde und Bewunderer erwarb, und der außerdem den Ruf eines edlen und reinen Menschen genoß. Das stimmte vielleicht bis zu dem Punkt, wo das Weib in Frage kam. Er hatte eine Frau und zwei Töchter. Die ältere war ein ungewöhnlich begabtes und reizvolles Geschöpf. Dienstboten um sich zu sehen, hätte die feinen Nerven des Dichters verletzt. Auch glaubte er bei seinen geringen Mitteln das Geld besser zum Ankauf von Büchern als zur Entlohnung von Dienstmädchen anwenden zu können.

Er ließ die Töchter nichts lernen. Die drei Frauen bildeten sein Dienstpersonal und verrichteten jedwede Arbeit im Hause, auch die niedrigste. Jahre nach dem Tode des Dichters sah ich die begabte Tochter einmal wieder: ein kümmerliches, verhutzelttes Weibchen, die sich mühselig mit der Unterstützung früherer Freunde ihres Vaters durchbrachte.

Ich haßte diesen alten Dichter mit dem rosigen Gesicht, den blauen, treuen Augen und der hohen Dichterstirn.

Die *Ritter der mater dolorosa* gebärden sich teils als Schutzengel, die ihre Götterhände über das gequälte Weib halten, teils als Cerberusse, die der Unberufenen, die sich in ihr Gehöft wagt, gefährlich die Zähne zeigen.

Zur Illustrierung dieser Gruppe werde ich hervorragende Vertreter derselben wählen und meine Ansichten an ihre Auffassungen der Frauenfrage knüpfen.

Trotzdem wird man mir vorwerfen, ich hätte Nichtigkeiten aus unbeträchtlichen Schriften beigebracht, die keiner Widerlegung wert wären. Die Tatsache ist richtig, der Vorwurf unverdient. Es wäre mir recht gewesen, gewichtigere Gründe bekämpfen zu dürfen. Nichts hätte mir ferner gelegen, als sie unterschlagen zu wollen. Ich habe keine solchen Gründe gefunden, nie und nirgends.¹

Man nenne mir den Schriftsteller, das Buch, die Broschüre, das die Gegnerschaft mit Geist, Logik und Gerechtigkeit vertritt, und ich will es eifrig und vorurteilslos studieren.

¹ Den einzigen Einwand, der nicht ohne weiteres von der Hand zu weisen ist, und der auf der Mutterschaft beruht, werde ich an anderer Stelle ausführlich behandeln.

ANEXO B

Quatro categorias de antifeministas

O ataque ao movimento feminista tem como base os mais diversos motivos. Para esclarecê-los, classifico quatro categorias de antifeministas.

1. Os defensores de antigas crenças.
2. Os defensores dos direitos masculinos, entre os quais eu incluo os fracos de caráter e os pobres de intelecto.
3. Os egoístas de conveniência.
4. Os cavaleiros de Nossa Senhora⁴⁸ (Uma subdivisão: os Jeremias⁴⁹, que soluçam sobre o túmulo da feminilidade).

Sobre os *defensores de antigas crenças* não há muito a dizer. A maioria das pessoas pertence a este grupo. Estes muitos qualificam os hábitos como sua ama-de-leite, que os nutre com segurança do berço até o túmulo.

Os defensores de antigas crenças são aqueles que consideram sua obrigação manter intacto o patrimônio mental dos séculos passados por toda a eternidade. O bom Deus e as leis da natureza fazem parte do âmago ferrenho de sua argumentação. No século das ciências naturais, em cuja frente se encontra a *teoria da evolução*, esses ortodoxos ficam enrijecidos em relação às ideias sacrossantas reveladas e às leis da natureza, as quais a ciência desconhece. Seu argumento principal: porque sempre foi assim, então tem que permanecer assim. Eles praticam um culto aos pensamentos antepassados, que segue a tática daqueles antigos espanhóis que levavam consigo para a batalha o Cid morto, amarrado ereto sobre o cavalo, para vencer o inimigo com a *crença* na força vitoriosa do guerreiro.

A luz de diversos astros leva séculos para alcançar nosso campo de visão. Os moradores de estrelas extremamente longínquas (se eles existem) veriam hoje, provavelmente – se seus olhos ou telescópios alcançassem até aqui, Platão ou Cristo vagando pela Terra.

Da mesma forma que a vida intelectual. Os pensadores retrógrados ainda vêem hoje situações na Terra como eram há séculos atrás.

As instituições – tendo elas resistido por séculos ou milênios – sofrem gradualmente um desenvolvimento progressivo. O conteúdo delas diminui. Mas, ao longo de um grande

⁴⁸ Nossa Senhora, ou *mater dolorosa* (como a autora escreve), são diferentes títulos para se referir à Virgem Maria.

⁴⁹ Nota da tradutora: Jeremias, devido seus lamentos, é considerado “o profeta chorão” do Antigo Testamento da Bíblia Cristã.

período de tempo, as formas que não tem mais teor resistem e continuam ativas. Nietzsche expressa de forma poética: “Buda está morto, mas ainda temos que superar suas sombras.”

Desta forma, a despedida de solteiro, por exemplo, é a última reminiscência do raptio feminino, inicialmente verdadeiro, e posteriormente simbólico, que acontecia com monstruoso estardalhaço.

No mundo psicológico, assim como no intelectual, tudo está constantemente em movimento. Nenhum estado é permanente, nenhuma substância é sólida.

E este é o erro descomunal dos defensores de antigas crenças, de se fechar à lei do movimento.

Definitivamente passou o tempo onde as rainhas e suas filhas deviam fiar, tecer e levantar-se quando um homem entra no recinto. E agora o paládio⁵⁰ dos antifeministas despedaça-se também lentamente, as cinco palavras cujo conteúdo pesa: *a mulher pertence ao lar*.

Os *defensores dos direitos masculinos* se diferenciam dos defensores de antigas crenças de modo a colocar menor importância sobre o bom Deus e suas revelações do que sobre as reais e práticas impossibilidades que se contrapõem à emancipação feminina. Eles teimam mais com os direitos *deles* do que com os celestiais.

Eu fui testemunha auricular em uma noite de ano novo quando um defensor dos direitos masculinos (ele ainda preparava o ponche), assim que sua mulher exclamou “Feliz ano novo!” às doze badaladas, repreendeu-a com as seguintes palavras: “Eu quem determino aqui quando é meia noite”.

Os defensores dos direitos masculinos negam o direito de cidadania à mulher, porque ela nasceu como mulher e não como homem.

Ah, Deus, eles não deveriam se gabar tanto de sua masculinidade. Quem sabe se, no fim, toda a pequena humanidade, nós, todos habitantes da Terra, somos apenas párias da criação do mundo em relação a outras criaturas de estrelas mais elevadas. A lenda da filha do gigante, que toma o lavrador com seu arado como um brinquedo bonitinho sobre rodas e o leva para casa em seu avental, contém um simbolismo belo e sugestivo.⁵¹

⁵⁰ Na mitologia greco-romana, Paládio é uma estátua de madeira que representava a deusa Palas, feita após a sua morte, e que acabou se tornando um objeto sagrado de defesa da cidade de Troia, pois Apolo previu que a cidade não cairia enquanto o Paládio permanecesse dentro das muralhas. A palavra “paládio”, então, ganhou o significado de salvaguarda.

⁵¹ Aqui, a autora faz referência à antiga lenda francesa chamada *Riesenspielzeug* (Brinquedo gigante), onde a filha gigante sai para brincar e encontra um camponês, levando-o para casa, crendo tratar-se de um brinquedo, porém, seu pai manda levá-lo de volta.

Mas o verdadeiro pária tinha certamente um desejo de soberania e queria ser, ao menos, um pária major, então ele fazia da mulher um pária soldado.

Faz parte dos defensores dos direitos masculinos a fraqueza de caráter e escassez intelectual.

A fraqueza de caráter enfrenta o movimento feminino por medo. Eles sempre têm medo de serem reprimidos pela mulher – principalmente por suas próprias. Como eles são secretamente conscientes de suas fraquezas, reforçam sua supremacia em qualquer oportunidade.

Os motivos deles – que não inventaram a pólvora – são evidentes. Se a mulher não fosse mais estúpida que eles, quem seria então?

Se o pobre diabo também for encarado com desdém por todos os homens, contudo, como homem ele ainda estaria acima da grande metade do gênero da humanidade – acima das mulheres. Mesmo assim, ele guia o caminho, que na verdade está mais para um beco no qual a mulher deve seguir. Ele, de mentalidade prejudicada, é aquele que enfatiza a completa falta de lógica da mulher com uma expressão triunfante, como se ele conversasse eternamente coberto de lógica.

Sua bela consciência como homem iguala-se a do ariano em relação ao judeu. Já que ele não é nada, mas nada mesmo, diferente de um ariano, porém, não é sequer judeu, e pode, tendo em vista o nariz aquilino hebreu, ficar orgulhoso de seu nariz vivaz⁵² (apenas se ele tiver um, naturalmente).

Os defensores dos direitos masculinos são os que mais debocham em termos de reação.

Em um ensaio que chegou até mim, um desses senhores major imagina uma época em que o homem seria condenado por conduzir uma colher de pau e ninar crianças. Hilário.

Um outro me confiou uma vez que ele nunca se casaria com uma médica por medo, pois ela poderia, um dia, cortar seu ganso assado com um bisturi. Ridículo. *Eu* aconselhei-o a se tornar vegetariano.

E vocês gostariam de saber como o defensor dos direitos masculinos foi criado?

Eu conheço uma canção de um livrinho chamado “Kinderwelt” (Mundo Infantil), que há pouco tempo achei nas mãos da minha pequena neta.

⁵² No original *Vivatnase*; o significado de *Vivat* encontrado foi o de expressão de felicidade ou exaltação de longa vida a alguém, assim como em português “viva!” ou “vida longa ao rei”.

Meninos e meninas

Moleiro, moleiro, ele mói!
 Os meninos um tostão custam
 As meninas uma merda de pombo custam
 Que para longe com os pés empurram

Moleiro, moleiro, ele mói!
 As meninas recebem um tostão,
 Os meninos recebem um cavalo de montaria,
 Que certamente bem mais que um tostão valeria.

O defensor dos direitos masculinos acha graça. Eu não.

Recentemente caiu em minhas mãos uma obra na qual um defensor dos direitos masculinos zomba das reuniões femininas, que, assim como os parlamentares, discutem entre si como direitistas e esquerdistas.

Não é necessário ser nenhum pensador para constatar que cada movimento social ou político forma-se por uma direita e uma esquerda – não como uma desgraça inevitável, mas sim como um fator necessário, um pêndulo que impede um avanço ou atraso na engrenagem da cultura. A direita no parlamento, sem pensar na esquerda, seria comparada à muralha chinesa, impermeável para cada reorganização social. Em relação à esquerda, a direita impede sob determinadas circunstâncias que frutos sejam colhidos da árvore da cultura antes que eles estejam maduros. Pois, quando um movimento feminista finalmente permite-se existir, não há nada mais simples e natural do que todas as nuances de opinião das alas da esquerda e da direita estarem nela presentes.

No movimento feminista atual, a direita defende o lado prático, que é realizável no momento. A esquerda mostra os objetivos do movimento no futuro.

“Uma produção *teórica* será tanto melhor quanto mais completamente ela assumir as últimas e mais remotas consequências dos princípios nela desenvolvidos. Uma produção *prática* é tão poderosa quanto mais se concentra no primeiro ponto a partir do qual tudo se desenvolve.” (Lassalle)

O *egoísta de conveniência* encara a emancipação feminina do ponto de vista das vantagens e desvantagens que poderiam trazer para ele. Dela, o antifeminista de ocasião teme

a concorrência no seu ganha-pão, e vê, ao mesmo tempo, porém, na mulher trabalhadora a destruidora de seu bem-estar doméstico.

O quê? Ela quer estudar grego ou matemática? Para quê? O que eu ganho com isso?

Contudo, certamente um desencargo de tias, cunhadas, primas e outra tropa de parasitas desamparadas também não é de se menosprezar. Vamos, portanto, abrir para elas tantas fontes de renda quanto possível para a preservação de nossas carteiras.

Um caso típico de um desses egoístas me vem à mente. Era um poeta antigo – agora ele já está morto há um tempo – que, com seu cântico patriótico entusiasmado, angariou amigos e admiradores e, além disso, desfrutou da reputação de um homem nobre e puro. Tudo certo, talvez, até o ponto onde a figura da mulher entra em questão. Ele tinha esposa e duas filhas. A mais velha era uma criatura extraordinariamente inteligente e encantadora. Ter empregados ao seu redor afetaria os delicados nervos do poeta. Ele acreditava, também, por seus poucos recursos, que poderia empregar melhor o seu dinheiro para a compra de livros do que para o pagamento de empregadas.

Ele não deixava as filhas aprenderem nada. As três mulheres formavam sua criação pessoal e realizavam todos os tipos de trabalho em casa, inclusive os mais deploráveis. Anos após a morte do poeta, eu vi a filha talentosa mais uma vez: uma mulherzinha miserável, enrugada, que conseguia se sustentar penosamente com o apoio de amigos antigos de seu pai.

Eu odiava esse poeta velho com a cara rosa, os olhos azuis e fiéis e a testa infinita de poeta.

Os *cavaleiros de Nossa Senhora* portam-se em parte como anjos da guarda que seguram suas mãos divinas sobre a mulher atormentada, e em parte como Cérberos, que mostram os dentes perigosamente aos desqualificados que ousam entrar em sua propriedade.

A fim de ilustrar esse grupo, escolherei um representante distinto e travarei meus pontos de vista às suas concepções da questão da mulher.

Mesmo assim, vão me acusar de ter apresentado futilidades de obras insignificantes que não mereceriam uma contestação. O fato é certo, a acusação é indevida. Teria sido do meu agrado ter permissão para lutar por causas mais substanciais. A última coisa que eu faria seria menosprezá-las. Eu não achei tais motivos, nunca e em lugar algum.¹

Diga-me o autor, o livro, o folheto, que defende a oposição com intelecto, lógica e justiça, que eu estudarei isso com zelo e sem preconceitos.

¹ A única objeção, que, sem dúvida, é inegável e que se baseia na maternidade, abordarei detalhadamente em outra obra.